

O INCONSCIENTE NOS PRIMEIROS TEXTOS DE FREUD

DAYANNA PEREIRA DOS SANTOS

**O INCONSCIENTE NOS
PRIMEIROS TEXTOS DE FREUD**

Copyright © Dayanna Pereira dos Santos

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Dayanna Pereira dos Santos

O inconsciente nos primeiros textos de Freud. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 115p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5869-547-9 [Digital]

1. Inconsciente. 2. Sigmund Freud. 3. Teoria freudiana. 4. Psicanálise. I. Título.

CDD – 150

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

Escrever existe por si mesmo? Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escrevo sem saber como e por quê – é por fatalidade de voz. O meu timbre sou eu. Escrever é uma indagação. É assim?

(Clarice Lispector)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1. A INTERPRETAÇÃO DAS AFASIAS (1891): a linguagem e o inconsciente	15
2. PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA (1895) E A CARTA 52 (1896): a memória é inconsciente	49
3. A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: os traços de memória e as leis da linguagem	85
À GUIA DE CONCLUSÃO	105
REFERÊNCIAS	111
SOBRE A AUTORA	115

Já estava havendo então, e eu ainda não sabia, os primeiros sinais em mim do desabamento.
(Clarice Lispector)

APRESENTAÇÃO

O processo de elaboração de um livro é sempre uma viagem enigmática por certo território. Essa viagem, ainda que acompanhada bem de perto, é solitária e inicia-se por uma trilha sinuosa, cheia de obstáculos que aos poucos vão sendo superados. Durante o percurso, ou ao final, confirmamos e negamos algo do que éramos, nos descobrimos no outro, revelamos nossa própria voz e a projetamos no discurso do Outro. Enfim, não somos mais os mesmos de antes da travessia.

Pensando nos caminhos e descaminhos que orientaram os meus passos nesta viagem é interessante observar as formulações que foram se estabelecendo no processo de descoberta da teoria psicanalítica. Tudo começou com minha participação no grupo de pesquisa *Em torno da letra: escrita, leitura e transmissão*.¹ Na época, tive acesso às pesquisas desenvolvidas no grupo desde a sua fundação, em 1995, por Sonia Borges e ao conjunto de dissertações e teses produzidas ao longo dos anos com o objetivo de refletir sobre as elaborações psicanalíticas relativas ao inconsciente e a linguagem.

Além desse contato teórico, deparei-me com trabalhos de pesquisadores de outras instituições, dos quais cito as teses de doutoramento *Maternal/Estrangeira: o que Freud fez da língua* (1999) de Maria Rita Salzano da Universidade Estadual de Campinas, e

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito da Universidade Federal, cujo objetivo é refletir sobre as (in)possíveis implicações entre estudos linguísticos, psicanálise e educação.

A natureza do psíquico e o sentido da metapsicologia na psicanálise freudiana (2006) de Fátima Siqueira Caropreso da Universidade Federal de São Carlos. A primeira teve como objetivo mostrar a presença da noção de inconsciente nos primeiros textos de Freud desde o texto das *Afásias* (1891/1977) e a segunda, ao contrário, não valida essa hipótese pelo fato de entender que na *Interpretação das Afásias* (1891/1977) o conceito de inconsciente só pode ser pensando como a ausência de fenômenos psíquicos.

Logo, a descoberta e a construção de um novo processo de pesquisa, originário do conceito de inconsciente na teoria freudiana, determinaram os rumos desta produção fruto de um curso de mestrado na Universidade Federal de Goiás. Para tanto, tornou-se indispensável investigar os desdobramentos causados por essas proposições e foi necessário primeiro pensar sobre o modo como a noção de psíquico inconsciente comparece nos primeiros textos de Freud. Para alcançar esse objetivo, foi preciso seguir em direção ao que foi realizado por alguns dos pesquisadores citados e com eles dialogar para assim pensar sobre o projeto de “retorno ao sentido de Freud”, proposto por Jacques Lacan (1956a/1998). Nesse retorno, Lacan propõe um modo singular de ler Freud: o de abandonar a tendência de querer racionalizar o saber psicanalítico. Isso incide no (in)possível retorno à verdade da letra freudiana: ora, “há um lugar, o inconsciente, em que se enuncia uma verdade que tem a propriedade de nada podermos saber dela” (Lacan, 1968/1969/ 2008, p. 198). Nele há uma verdade intolerável com a qual cada sujeito é convocado a apreender algo. Esse modo subversivo de ler e pensar a obra freudiana torna-se incompatível com interpretações teóricas e clínicas, essencialmente, naturalistas e/ou filosóficas.

Assumindo tal viés, o início dessa viagem foi motivado pelo desejo de desvelar sem desvendar como Freud desenvolveu sua teoria do inconsciente, de entender o porquê da linguagem na fundação do inconsciente, de compreender as implicações de uma concepção freudiana de representação que não se restringe à função de reproduzir um objeto externo. Afetada pelos efeitos desse não saber, instigada também pelas viagens outrora

realizadas pelos campos da psicologia, da filosofia e da Psicanálise, procurei estudar de modo peculiar os textos chamados “pré-psicanalíticos” de Freud a fim de identificar os elementos fundantes da noção de inconsciente, para além da inconsciência, como um sistema psíquico distinto do sistema nervoso e, portanto, dotado de atividade própria.

Sob esse prisma, principiei a elaboração deste livro a partir da minha dissertação de mestrado, nomeando-o de *O inconsciente nos primeiros textos de Freud*. Com o objetivo de buscar nas linhas do texto freudiano as bases do conceito de inconsciente e a reflexão sobre o aparelho psíquico, esta investigação teve como ponto de partida os estudos críticos de Freud a respeito dos distúrbios na formulação e compreensão da linguagem. A trajetória programada para este trabalho apresenta-se ao longo de três capítulos: o primeiro, *A interpretação das Afasias* (1891): linguagem e inconsciente; o segundo, *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e a *Carta 52* (1896): a memória é inconsciente; e o terceiro, *A interpretação dos sonhos*: os traços de memória e as leis da linguagem.

No primeiro, pretende-se examinar o modo como Freud configura, no texto das *Afasias* (1891/1977), o aparelho psíquico como um “aparelho de linguagem” e o papel desempenhado pela associação de representações na constituição e no encadeamento dos processos de ordem inconsciente. Trata-se da tentativa de situar, na discussão deste tema, o fato de que a linguagem não é apenas o produto do funcionamento desse aparelho, mas é especialmente aquilo que o institui.

Inicialmente, serão apresentados os argumentos usados por Freud para contrapor as teorias de Wernicke-Lichtheim sobre as afasias e de Theodor Meynert sobre o funcionamento do sistema nervoso. Na contramão desta teoria anatômico-localizacionista, Freud instaura a necessidade de o aparelho psíquico ser apreendido como um “aparelho de linguagem”, constituindo-se como “centro funcional”, distinto de “centro fisiológico”. A partir dessa proposição, Freud desconstrói a noção clássica de representação como entidade psicológica, consciente, e estabelece

uma contraversão na maneira de se entender o físico e o psíquico. O psíquico para Freud não é uma “projeção” direta do físico, mas sim um objeto da representação. Nesse caso, entre físico e psíquico não há uma relação unívoca, de modo que um não causa o outro. Essa noção implica a possibilidade de desvincular o conceito de “representação” do conceito de “consciência”, consistindo na renúncia da noção de percepção como impressão sensível.

No segundo capítulo foi desenvolvida uma reflexão sobre a maneira como Freud, a partir da discussão sobre as associações de representação, concebe o aparelho de linguagem (apresentado no texto das Afasias) como um aparelho de memória, caracterizado por uma trama de registros mnêmicos. O desenvolvimento da reflexão proposta parte dos textos freudianos *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996) e *Carta 52* (1896/1996). Nesses estudos, o psicanalista expõe que significativa parte do conteúdo da imagem mnêmica nas associações de representação independe da consciência, pois a memória é registrada de diferentes modos, em múltiplos assentamentos, sendo que os arranjos iniciais da memória não são abertos à consciência.

Com base na ideia de ser o aparelho psíquico constituído pela diferenciação dos sistemas φ [Phi], ligado à representação do objeto externo, Ψ [Psi], referente à memória e aos processos psíquicos em geral, e ω [Ômega], vinculado à consciência, no segundo capítulo, discute-se também que se por um lado Freud parte da ideia de um funcionamento psíquico em termos neuronais, por outro renuncia à proposta de fundar a psicanálise com base na neurofisiologia e conceber o psíquico por meio de um apelo ao princípio da diferença.

Na *Carta 52*, de 1896, Freud amplia a noção de memória desenvolvida no *Projeto*, de 1895, ao instaurar a ideia de que o aparelho psíquico trabalha como um complexo aparelho de memória caracterizado pelas reorganizações e reescrituras dos traços mnêmicos que a constituem. O psicanalista apresenta em esquema, seu aparelho de memória, o qual, abrangendo toda a estrutura do psíquico, evidencia que consciência e memória se

excluem reciprocamente e que a memória ultrapassa aquilo que se compreende usualmente como evocação. Isto é, a memória não se restringe à retomada de uma percepção, pois não se trata do evento de reação à realidade como causa de excitação. Em suma, a memória constitui-se de forma muito complexa, essencialmente dinâmica, segundo cada nova circunstância e conforme os neurônios que os veiculam em meio às instâncias psíquicas.

No terceiro capítulo, a partir das observações clínicas apontadas em *A Interpretação dos sonhos*, de 1900, pretendeu-se pensar sobre as peculiares características dos processos que atuam no inconsciente. Nessa obra, Freud retoma a noção de memória desenvolvida na *Carta 52* (1896/1996) segundo a qual há diversos registros de memória nos quais um mesmo conteúdo, com o passar do tempo, poderia ser inscrito e transcrito conforme distintos princípios associativos. O psicanalista, no capítulo 7 d'*A interpretação dos Sonhos*, expõe que o Inconsciente (Ics) e o Pré-consciente (Pcs) são dois derradeiros registros mnêmicos do aparelho psíquico. Portanto, os sistemas pré-consciente e inconsciente seriam análogos aos processos primários e os secundários mencionados no *Projeto* (1895).

Diante das relações estabelecidas entre os processos de ordem primária e secundária, Freud desenvolve em sua obra sobre os sonhos a ideia de que durante a atividade onírica, as excitações circulam pelo aparelho psíquico em sentido "regressivo", isto é, em direção aos próprios elementos mnemônicos e não em direção à terminação motora do aparelho psíquico. Com isso, o psicanalista propõe a existência de uma ação regressiva responsável pelo registro dos traços da memória no interior do aparelho psíquico. A relevância dessa explicação regressiva do funcionamento psíquico encontra-se em sua proposição temporal e não na localização espacial dos sistemas, isto é, Freud "introduz a regressão a partir do momento em que o que salienta são fatores temporais" (LACAN, 1954-1955/1985, p.186). Trata-se, portanto, do estabelecimento de uma lógica de sucessão temporal para os processos psíquicos.

Nessa lógica do funcionamento psíquico, o inconsciente é concebido como uma instância autônoma, cujos conteúdos só podem ser alcançados pela consciência quando submetidos às censuras e transformações impostas pelos sistemas pré-consciente e consciente. Posta para além da ordem, a concepção de inconsciente adquire sentido no que escapa e falha aos humanos, seres de linguagem, isso porque o inconsciente é um conceito forjado e se apresenta naquilo que invalida a sequência lógica dos pensamentos cotidianos como mensagens cifradas contrárias à intenção do sujeito. Por esse prisma, tentar-se-á compreender a existência do inconsciente como um saber distinto daquele produzido pela reflexão consciente.

Sem o intuito de complementar ou sobrepor as questões de uma área do conhecimento às de outra, este trabalho traz as marcas de um percurso trilhado e por não seguir os pressupostos positivistas da ciência clássica, considera que o modo de fazer pesquisa em psicanálise é cingido pelos desdobramentos de uma retomada da *démarche* científica que

[...] subverte o sujeito suposto e excluído, a um só tempo, pela ciência, e trabalha a partir da inclusão do sujeito no campo de sua experiência, inclusão que curiosamente se faz, não por acaso ou contingência, pela via do inconsciente: retirado da condição de excluído, condição própria ao sujeito da ciência, o sujeito da psicanálise só pode ser incluído como sujeito do inconsciente. (ELIA, 2000, p.22)

A esse respeito, contudo, é importante sublinhar que a psicanálise apesar de derivar da ciência propõe uma ruptura com as determinações científicas e estabelece sua especificidade, uma epistemologia particular, própria da experiência analítica, que é tão válida e importante quanto à ciência empírica. Essa distinção é o que permite à psicanálise estruturar-se não como o grupo das ciências naturais ou humanas, mas como outro modelo de ciência pautado num novo paradigma em que sujeito e objeto têm uma relação metonímica.

Que mal porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento.
(Clarice Lispector)

1. A INTERPRETAÇÃO DAS AFASIAS (1891): a linguagem e o inconsciente

Freud, desde seus estudos iniciais, se compromete em desvelar o poder “mágico” (1926/1996, p.185) da palavra ou da fala. Apresenta em seu estudo monográfico *A interpretação das afasias* (1891/1977) um modelo de aparelho de linguagem, fundamentado na vinculação entre a representação-palavra e as associações de objeto, cujas consequências teóricas, clínicas e metapsicológicas ecoam ao longo de sua obra. Em 1891, o psicanalista publica um estudo crítico das teorias de Broca, Wernicke e Lichtheim, a respeito das afasias, e de Theodor Meynert, sobre o funcionamento do sistema nervoso. De modo geral, as pesquisas destes importantes neurologos da época estabeleceram em seu tempo uma relação de correspondência entre determinadas lesões cerebrais e modelos próprios de afasias, tornando-se possível uma localização precisa acerca dos modos de funcionamento da fala.

Segundo Freud (1891/1953 p.02), Broca, mediante autópsia do cérebro de pacientes com afasias, publica suas recentes descobertas sobre os afásicos no artigo *Sur le siège de la faculté du langage articulé avec deux observations d'aphémie (perte de la parole)* (1861) . Para Broca, a presença de lesões na parte inferior da terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo seria responsável pela perda total ou por sérios prejuízos na capacidade de fala articulada, enquanto que as outras operações da fala e a

própria inteligência se manteriam ilesas de quaisquer danos. Esta parte do cérebro passou a ser chamada de área de Broca. Imbuída de uma pretensa função anatômica, a afasia de Broca caracteriza-se como um distúrbio não fluente, pois nela a fala é prejudicada, há agramatismo, pausas de nível variável, anomia e problemas de compreensão em grau mais leve.

A teoria apresentada por Meynert pressupõe a existência de uma relação ponto a ponto entre os estímulos provenientes do mundo externo e as representações situadas em locais determinados do córtex. A principal hipótese dessa concepção é a de que as fibras nervosas estabelecem exclusivamente a conexão entre centro e periferia, fazendo com que cada ponto excitado na periferia sensorial corresponda a um processo sucessivo e autônomo de condução nuclear. Desse modo, um processo físico no decorrer das etapas de seu trajeto origina um acontecimento psíquico. Isso só pode ocorrer com a intervenção da consciência, idealizada como a condição de existência do psíquico. Nesses termos, a representação é entendida como uma cópia dos estímulos que chegam à periferia do sistema nervoso numa relação unívoca em que as representações correspondem a uma projeção um por um dos elementos da periferia.

Desconfiado da existência de algo da ordem do inconsciente, não determinado anatomicamente, Freud, em *A interpretação das afasias* (1891/1977), critica a teoria desenvolvida pelo pesquisador Theodor Meynert sobre a natureza das articulações nervosas e cerebrais e sua relação com a atividade mental. Para tanto, ele se vale dos estudos de Henle para contrapor e refutar as suposições de Meynert quanto à teoria da conexão das fibras nervosas. Conforme Freud, Henle identifica uma redução de fibras através das massas cinzentas. Assim, a quantidade de fibras que parte da periferia até a medula espinal não é a mesma que parte da medula espinal até o córtex cerebral, pois apenas a medula espinal apresenta condições reais para propiciar uma projeção. Com base nessa argumentação, Freud esclarece que mesmo no esquema corporal há uma significação funcional, oriunda da associação

entre fibras nervosas. Moraes (1999) observa que não se justifica, para Freud, “o fato de se tomar do psíquico a terminação de uma fibra nervosa, que foi, em seu percurso, uma formação fisiológica sujeita a modificações puramente fisiológicas, e acrescentar a ela uma representação ou uma impressão mnêmica” (p.11), pois os tratos nervosos que alcançam o córtex cerebral não reproduzem uma representação tópica, perfeita dos estímulos externos. Em síntese, a questão de como se acham representados os estímulos externos no córtex cerebral se diferencia do proposto na época por Meynert. Para o referido autor, a representação é a projeção de todos os pontos do corpo, enquanto que Freud² argumenta:

Se a maneira como a periferia está refletida na medula espinal é chamada de “projeção”, sua contraparte no córtex cerebral deveria adequadamente ser chamada de “representação”, o que implica que a periferia do corpo não está contida no córtex cerebral ponto por ponto, mas através de fibras selecionadas, numa diferenciação menos detalhada. (1891/1953, p.51, Inédito)

O conceito de projeção proposto por Meynert sustenta-se na teoria da existência de feixes de fibras projetivas que conjeturam a periferia corporal no córtex. A esse respeito, Freud argumenta que um feixe de fibras só atinge a periferia do corpo até as partes superiores do cérebro quando adentra as distintas articulações com a substância cinzenta da medula espinal e dos núcleos subcorticais. Desse modo, aquilo que atinge o córtex não é algo simples, mas uma variedade de associações entre inúmeras impressões sensoriais que motivam a alteração qualitativa e modificam intensamente o significado funcional dos processos durante esse percurso. Nas palavras do autor:

² Tradução de Maria Rita Salzano e Edmundo Gasparini dos trechos faltantes na edição portuguesa do texto *Sobre a Interpretação das Afásias, um estudo crítico*, de Freud, baseada na tradução de E. Stengel para o inglês *On Aphasia, a critical study*, International Universities Press, Inc., New York, 1953.

Os tratos de fibras que chegam ao córtex cerebral depois de sua passagem através das massas cinzentas mantiveram alguma relação com a periferia do corpo, mas não podem mais refletir uma imagem topograficamente exata dele. Eles contêm a periferia do corpo da mesma maneira que – para emprestar um exemplo para o assunto que estamos tratando aqui – um poema contém o alfabeto, isto é, num arranjo completamente diferente servindo a outros propósitos, em variadas associações dos elementos individuais, nas quais alguns podem ser representados várias vezes, outros não. Se fosse possível seguir em detalhes o rearranjo que acontece entre a projeção espinal e o córtex cerebral, provavelmente acharíamos que o princípio subjacente é puramente funcional, e que as relações topográficas só se mantêm enquanto elas estão em sintonia com as exigências da função. (FREUD, 1981/1953, p.53, Inédito)

Nessa perspectiva, não há projeção exata do corpo no córtex, isso porque a relação da medula espinal com o corpo é diferente de sua relação com as massas cinzentas pertencentes ao campo cerebral. Há, portanto, na concepção do autor a proposta de que a representação da periferia do corpo no campo superior do cérebro e, do mesmo modo, no córtex não se faz em termos topográficos, mas essencialmente funcionais. Não há relações topográficas anteriormente instituídas, pois elas são efeito da atividade empreendida pelas funções da linguagem. Desse modo, as modificações no significado funcional dos processos acontecem segundo as ordenações associativas construídas pela experiência. Assim, enquanto as relações do corpo com a medula espinal advêm na configuração de uma projeção, as relações da medula espinal com o córtex são estabelecidas numa outra perspectiva e, por isso, recebem outra denominação, a saber, a de representação.

Do ponto de vista histórico, é possível dizer que outro passo importante para os estudos relacionados às afasias foi dado pelo neuropsiquiatra alemão Wernicke, discípulo de Meynert. O neuropsiquiatra, ao longo dos anos, empenhou-se na pesquisa sobre as causas e os efeitos provocados pelos distúrbios linguísticos. Wernicke, influenciado pelo neuroanatomista

Meynert, defensor da relação ponto a ponto entre os estímulos oriundos do mundo externo e as representações fixadas em pontos específicos do córtex, reforçou o conceito de localização de funções no sistema nervoso e introduziu a ideia de predominância hemisférica. Com essa teoria, Wernicke demonstra que a constituição cerebral se desenvolve mediante centros de projeção ligados por fibras de transmissão suscetíveis a danos causados por doenças ou lesões na região do cérebro.

Conforme expõe Freud (1891/1977), Wernicke em seu trabalho clínico considera que os diversos grupos de distúrbios afásicos estão vinculados a lesões situadas em áreas cerebrais peculiares. Nesse caso, a localização exata da lesão elucidada a ocorrência de distúrbios afásicos e demonstra o grau de déficit da capacidade de linguagem. A par dessa compreensão, Wernicke propõe que as afasias e algumas doenças mentais estariam diretamente relacionadas a lesões em áreas específicas do cérebro, sobretudo, relacionadas à localização e dimensão de sua lesão. Conforme apontado, lesões no hemisfério esquerdo seriam capazes de causar diferentes modificações, dentre elas as perturbações de linguagem oriundas de dano cerebral. Nessa concepção, os distúrbios de linguagem que causam os distintos tipos de afasia são de ordem essencialmente anatômica, cuja origem advém da destruição dos “centros” de linguagem ou das vias de associação existentes entre eles.

O processo de linguagem, por essa via de sustentação teórica, ocorre de forma unidimensional, pois os estímulos celulares têm acesso ao cérebro pelas vias sensoriais, e seguem em direção a área motora pelas vias de associação. Isso pressupõe um esquema básico da organização da linguagem compreendendo: a área de Wernicke – complexo de imagens acústicas do discurso – e a área de Broca, complexo motor da produção do discurso. Wernicke, a partir de tal disposição, afirma que a presença de lesões em um desses centros produziria a afasia sensorial ou motora e, conseqüentemente, a afasia de condução resultaria do efeito de danos nas vias de conexão entre as duas áreas. Sendo assim, para

ele, uma lesão no centro motor implica a perda da competência de falar e nas atividades de compreensão e de escrita. No entanto, um dano causado no centro sensorial incide na perda da habilidade de compreender o outro, todavia esse mesmo dano não incide, reforça o autor, na habilidade de falar porque prejuízos da linguagem estão intrinsecamente relacionados à ideia de haver uma limitação entre as funções e as regiões anatomicamente assentadas pela em neuropatologia.

Ao estudar os modelos teóricos de Wernicke e Lichtheim e os casos publicados de ocorrências patológicas da linguagem, Freud (1891/1977) identifica em tais teorias que o aparelho de linguagem constitui-se em “centros distintos, separados por regiões corticais isentas de funções” (p.37) e que as afasias fariam referência à circunscrição das funções do sistema nervoso a regiões anatomicamente pontualmente fixadas. Freud, ciente da fragilidade dos modelos vigentes na época sobre o aparelho de linguagem, refuta tais teorias. Para o psicanalista, os centros não são simples demarcações existentes no interior da organização geral do cérebro, portanto não podem ser caracterizados como agentes exclusivos da linguagem como demandam as teorias localizacionistas. Por consequência, Freud (1891/1977) propõe que a linguagem está localizada em termos de processos funcionais, em função de um complexo de associações que nomeia de aparelho de linguagem [*Spracheapparat*].

Em seu prefácio ao trabalho de Freud sobre as afasias, Stengel³ (1953), afirma que psicanalista foi “o primeiro no mundo de fala alemã a submeter a teoria corrente da localização a uma sistemática análise crítica”, segundo a qual o aparelho de linguagem é tido como um campo complexo e dinâmico dotado de diferentes níveis funcionais e associativos, portanto homogêneo e não fragmentado

³ Tradução de Maria Rita Salzano e Edmundo Gasparini dos trechos faltantes na edição portuguesa do texto *Sobre a Interpretação das Afasias, um estudo crítico*, de Freud, baseada na tradução de E. Stengel para o inglês *On Aphasia, a critical study*, International Universities Press, Inc., New York, 1953.

em "centros". O cerne da crítica de Freud à concepção anatômico-localizacionista está embasada na relação psiquismo x anatomia, ou seja, na relação entre as duas hipóteses defendidas tanto por Lichtheim quanto por Wernicke no que se refere às funções e às localizações existentes no psíquico.

A primeira hipótese criticada é a de haver diferença entre a "afasia por destruição dos centros" e a "afasia por destruição das vias de condução"; a segunda hipótese questionada refere-se à relação mútua entre a função da linguagem e certos centros cerebrais. Em 1874, Wernicke apresenta essa segunda hipótese como uma doença de desconexão qualificada por uma modificação assinalada da apreensão da capacidade de expressão verbal e fala espontânea marcada pela troca e deformação de palavras. A partir dessa formulação sobre as afasias, os neurologistas da época conseguiram diagnosticar diversos eventos em que a lesão seria teoricamente responsável pela perturbação identificada.

No entanto, Freud observou que essa verdade, sob a ótica médica, constitui-se de maneira insuficiente para explicar casos em que os pacientes apresentavam dificuldades concomitantes de pronúncia inadequada das palavras, de incompreensão da fala e de repetição de termos. Conforme análise freudiana (1891/1953, p.13), certas perturbações apresentadas por Wernicke e por Lichtheim não se diferenciam das desordens e deformações de palavras produzidas por pessoas consideradas organicamente normais quando encontradas em situações extremas.

A esse respeito Freud expõe que

[...] a parafasia observada em pacientes afásicos não difere do uso incorreto e da distorção de palavras que a pessoa saudável pode observar em si própria quando se encontra em estados como fadiga ou atenção dividida, ou sob a influência de afetos perturbadores – essa espécie de fenômeno que acontece freqüentemente com nossos conferencistas e que causa embaraços desagradáveis ao ouvinte. Somos tentados a encarar a afasia no sentido mais amplo como um

sintoma puramente funcional, como um sinal da eficiência reduzida das associações do aparelho de linguagem. (FREUD, 1891/1953, p.13)

Sob esse prisma, a crítica de Freud diz respeito à origem das afasias fundamentada na ideia de uma relação direta entre os distúrbios afásicos e as lesões fixadas em regiões cerebrais peculiares. A partir dos casos de parafasia, o autor questiona a hipótese de esclarecimento dos vários tipos de afasias, unicamente, pelas lesões instaladas em certos ligamentos associativos e assinala a possibilidade de as causas dos diferentes tipos de afasias desvendarem-se por meio da investigação acerca dos níveis de perturbação funcional presentes na região atingida. Nesses termos, a noção de localização é pensada como efeito de um processo, e não de maneira restrita à demarcação de pontos isolados, pontuais e fixos no campo cerebral.

Ciente da impossibilidade de localizar os processos psíquicos, o psicanalista, no capítulo V da obra *A Interpretação das Afasias* (1891/1977), rejeita as hipóteses segundo as quais “as representações (imagens mnésicas) que servem para a linguagem estejam acumuladas em determinadas áreas corticais denomináveis centros” (FREUD, 1891/1977, p.37). Anverso à perspectiva teórica “localizacionista” wernickiana, Freud reporta-se aos pressupostos teóricos do neurologista britânico Hughlings Jackson, contrários à possibilidade de se confundir, no processo lingüístico, o aspecto psicológico do anatômico (Cf. FREUD, 1891/1977, p.56 e 57), para introduzir a ideia de que as variações nas faculdades psicológicas são governadas por leis de funcionamento próprias, e não pelas leis da anatomia cerebral, como proposto por Lichtheim e Meynert.

Hughling Jackson discorda da hipótese localizacionista, segundo a qual uma área cerebral precisamente demarcada representaria apenas os movimentos de uma parte específica do organismo ou da linguagem. Para Jackson, nenhuma região do cérebro possuiria somente representações de uma mesma espécie, portanto a localização exata de uma função psíquica, tanto para o

emprego da fala, quanto para os ligamentos musculares particulares não se sustentaria na organização estrutural do sistema nervoso. Com base nesse entendimento, Jackson formula um modelo de aparato mental, subdividido em estados funcionais, quer dizer, propõe uma categorização de funções constituídas a partir da evolução da natureza humana. Assim, em termos patológicos, as operações do aparelho de linguagem seriam evidenciadas por uma “desinvolução”, de modo que a constituição dos distúrbios nervosos configurar-se-ia pela perda de domínio dos processos superiores em relação aos inferiores. A esse respeito Freud diz:

Para a avaliação da função do aparelho da linguagem em condições patológicas propomos a formulação de Hughlings Jackson, segundo a qual todos estes modos de reacção representam casos de *involução funcional* (desinvolução) do aparelho de organização superior e correspondem portanto a anteriores estados do seu desenvolvimento funcional. Em todos os casos perder-se-á portanto uma ordem associativa superior desenvolvida sucessivamente e permanecera uma mais simples, adquirida anteriormente. A partir deste ponto de vista, explica-se uma grande quantidade de manifestações de afasia. (FREUD, 1891/1977 p.55 – grifo do autor)

A reinterpretação da “involução funcional” de Jackson encontra na teoria freudiana espaço privilegiado e com isso reforça a hipótese de os níveis mais abstrusos e apurados da capacidade linguística serem afetados numa primeira instância, enquanto que os mais iniciais seriam mantidos por um período de tempo mais extenso, sendo, portanto, afetados em última instância. Nesse sentido, conjectura-se um aparelho extremamente organizado no qual as associações mais complexas e também as mais recentes são consumidas e, ao mesmo tempo, continuam na condição de mais simples e longínquas.

Com base no argumento de Jackson, Freud (1891/1977) coloca em dúvida o fato de os vários tipos de afasias terem origem em lesões nos ligamentos das associações. Censura também a ideia de

que nesses centros haja armazenamento de representações de imagens evocativas, bem como a hipótese de as associações se realizarem através de fibras de massas brancas existentes abaixo do córtex. O certo é que, conforme o psicanalista austríaco, não há áreas destinadas apenas ao assentamento de representações e outras destinadas apenas ao processo de associação. Dada essa estrutura, a pesquisadora Maria Rita Salzano⁴, em sua tese de doutoramento afirma que quanto à estrutura do aparelho de linguagem Freud “não se limita a reconhecer a existência de lugares psíquicos distintos, mas vai atribuir a cada um deles uma natureza e um funcionamento” (p.11). A partir dessa relação lesões/associações a noção de aparelho de linguagem em Freud vai se consolidando como um complexo campo de associações regido de forma dinâmica.

De modo contrário ao funcionamento mecânico proposto pelos teóricos localizacionistas, a atividade mental em Freud é produto de processos que incluem o cérebro em toda a sua extensão. Nesse caso, os distúrbios da linguagem são referidos como perturbações funcionais e não como uma relação mecânica entre o anatômico e o clinicamente notado. A partir dessa premissa, Freud afasta-se da neurologia para formular a hipótese de que “*a região cortical da linguagem seja um articulado tecido cortical dentro do qual as associações e as transmissões em que se apoiam as funções de linguagem procederiam com uma complexidade não propriamente compreensível*”. (FREUD, 1891 /1977, p. 37 - grifo do autor).

Embora reconheça a importância da anatomia cerebral para a patologia, Freud nega, portanto, aceitar que o aparelho de linguagem seja constituído de centros independentes responsáveis pela articulação. Para o autor, no complexo campo das associações, a região da linguagem “define-se pela sua

⁴ É importante destacar que significativa parte deste trabalho é tributária dos estudos de doutoramento de Maria Rita Salzano Moraes: *Maternal/Estrangeira: o que Freud fez da língua* (1999), e das contribuições propiciadas pelo curso: *Aparelho Psíquico, Aparelho de Memória e Aparelho de Linguagem em Freud*, (2004, FE/UFG).

extensão e não pela localização pontual nos centros” (MORAES, 1999, p.14). Vale dizer que é a ideia de extensão cortical contínua e homogênea que permite a Freud arquitetar um aparelho de linguagem que funciona em termos de processos dinâmicos de associações e transferências. Em tais processos prevalece uma articulação sincrônica dos elementos sensoriais, acústicos, motores na construção das representações.

Tendo como base o modo como as funções da linguagem são prejudicadas nas afasias, Freud entende que os investimentos linguísticos abrangem a mesma área cortical na qual os artifícios associativos, responsáveis pela linguagem, se sobrepõem uns aos outros, ou seja, se sobreassociam. Segundo Freud (1981/1977), cada nova associação que se funda no aparelho psíquico altera a significação funcional das vinculações anteriormente estabelecidas. Nesse aspecto, associar pressupõe, então, a articulação de diferentes elementos (acústicos, motores, sensoriais) estabelecidos em termos de semelhança, contiguidade e frequência, de modo que as séries associativas não sejam circunscritas por uma combinação acumulativa de elementos que se conserva sem qualquer tipo de alteração. Conclui-se então que a associação não diz respeito a um processo automático, mecânico e externo aos elementos.

Nessa perspectiva, o fundamental, para Freud, é a relação entre os processos associativos e sobreassociativos relativos à linguagem. Há nesse processo o predomínio do registro funcional sobre o registro tópico, de modo a considerar que a psique é fundada por linguagem. Assim, o gesto de Freud vai configurar uma ruptura com o campo específico das teorias localizacionistas e, ao mesmo tempo, uma ousada inovação nos estudos médicos ao propor uma teoria sobre as afasias que não relaciona os fenômenos psíquicos e fisiológicos em termos de causalidade, mas em termos funcionais, pois

[...] a cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não está em relação de causalidade com os processos psíquicos. Os

processos fisiológicos não cessam mal se iniciam os psíquicos, pelo contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que, a partir de um certo momento, a cada seu elemento (ou a cada um dos elementos isoladamente) corresponde um fenômeno psíquico. O psíquico é assim um processo paralelo ao fisiológico (*a dependent concomitant*). (FREUD, 1891/1977, p.30-31 - grifos do autor)

A citação acima ressalta a intenção freudiana de destacar o fato de que as modificações fisiológicas presentes no sistema nervoso devem ser tratadas numa relação de não dependência com seu correspondente psicológico. A ideia de “concomitante dependente” incide na noção do psíquico como um processo paralelo ao fisiológico dado que o fisiológico não é razão para um efeito psíquico. Ou seja, reitera que o processo psíquico é “paralelo” ao processo fisiológico e propõe que a própria inscrição da representação estabelece uma correlação entre o processo fisiológico, o processo nervoso (no plano cortical) e o processo psicológico.

Dito de outro modo, ao refutar a hipótese de localização como consequência de uma causalidade físico-psíquica, Freud (1891/1977) conjectura, então, que “o correspondente fisiológico da simples representação” (p.31) não atua como algo quiescente, mas sim como “algo da natureza de um processo” (p.31) sendo este capaz de trazer à tona um modo de localização. Assim, Freud delinea a existência de processos funcionais nas operações da linguagem e desenvolve a ideia de uma localização mais ampla decorrente de um processo e não de uma ligação isolada entre os campos cerebrais.

Para o autor (1891/1977), toda e qualquer ideia de localização no campo da linguagem implica num deslocamento da ordem anatômica para a dinâmica, pois engloba a ideia de uma “modificação de significação funcional”. A localização, a partir desse entendimento, advém de uma sucessão de recriações associativas que não se encontram em séries isomorfas de processos físicos e mentais. Nesse sentido, mediante análise das implicações do aparelho de linguagem, Freud compreende que o correlato fisiológico da representação não se constitui como algo elementar,

passível de ser circunscrito numa parte específica do campo cerebral, mas sim como algo dinâmico que abrange a extensão cortical.

Origina-se neste ponto a proposição freudiana de não tomar as afasias exclusivamente como defeitos do aparelho de linguagem, mas como resultados particulares de seu funcionamento. Para Freud, as funções psíquicas se amparam em processos fisiológicos que se articulam como um complexo de transmissões e associações. Isso implica considerar que o “correspondente fisiológico da representação” independe da estrutura do sistema nervoso, pois a relação entre a rede dos processos fisiológicos e psíquicos não é causal, pois se trata de duas estruturas que não possuem, propriamente, uma similaridade entre si: o físico e o psíquico. Para Freud (1891/1977), o psíquico não é uma “projeção” direta do físico, mas sim sua representação. Nesse caso, entre físico e psíquico não há uma relação unívoca, pois um não causa o outro. Tal noção incide na renúncia da noção de percepção como impressão sensível e na possibilidade de desvincular o conceito de “representação” do conceito de “consciência”.

De modo especial, a análise sobre o modo como opera a linguagem do afásico permitiu a Freud a recusa da identificação entre o psíquico e o físico. Com isso, o autor extrapola o paralelismo psicofísico e reconhece a impossibilidade de localizar o processo físico da fala na anatomia cerebral, pois tal processo corresponde ao modo como é causada a estrutura psíquica do sujeito. Freud apontou para este mais além do concretamente localizável, caracterizando o aparelho psíquico como algo composto por linguagem e marcado pela articulação das representações psíquicas.

Nessa perspectiva, a ideia freudiana de localização no campo da linguagem diz respeito à função da modificação provocada pelas representações em suas complexas associações. Nesse caso, o psíquico faz referência, essencialmente, à dimensão representacional, que comporta atividades cerebrais inconscientes, responsáveis pelas modificações funcionais tanto de quantidades constantes de

excitação quanto do excedente. Freud afirma que o correlato fisiológico da representação comparece como

[...] um processo. Esse processo traz justamente a localização; parte de uma área particular do córtex encefálico e a parti daí difunde-se por todo o córtex encefálico ou ao longo de vias particulares. Uma vez passado, este processo deixa no córtex encefálico que investiu uma modificação a possibilidade da recordação. É extremamente duvidoso que a esta modificação corresponda também algo de psíquico; a nossa consciência não apresenta nada que possa justificar do lado psíquico o nome de “imagem mnésica latente”. Mas de cada vez que é novamente excitado este estado do córtex, o psíquico apresenta-se de novo como imagem mnésica. (FREUD, 1891/1977, p.32)

A afirmativa de Freud mostra que o psíquico se manifesta sob a forma de uma “imagem mnésica” não relacionada à consciência. Tal imagem não se constitui apenas como consequência de percepções da realidade externa, ela traz consigo marcas de diferença. Assim, o processo de formação da representação pode ser pensado como algo distinto e independente daquilo que se experimenta na consciência. Nessa perspectiva, é possível afirmar que “a representação não se liga ao referente da realidade, mas é sustentada por uma estrutura de tramas e redes que passa fora da consciência individual” (LUCERO & VORCARO, 2009, p.234), sendo assim, a representação é, antes de tudo, uma construção psíquica, produto de uma sucessiva “recriação” da informação sensorial, segundo princípios associativos.

Nesse sentido, em *A interpretação das Afasias* (1891/1977), Freud apresenta uma teoria da representação independente da composição do sistema nervoso. Para tanto, Freud, mediante rigorosa análise crítica das teses localizacionistas, elabora uma nova teoria das perturbações da linguagem cujo funcionamento não se submete, exclusivamente, às determinações fisiológicas. A ideia criticada por Freud (1891/1977) é, portanto, a de que a modificação das fibras nervosas pela excitação sensorial gere

“outra modificação na célula nervosa central, que se torna portanto o correspondente fisiológico da *representação*” (p.31-grifo do autor). Com a alegação de que essas modificações carecem ser buscadas por si, isoladas do seu correspondente psicológico, Freud contrapõe a idéia de que a modificação das fibras nervosas pela excitação sensorial seja capaz de causar uma outra modificação na célula nervosa central. Para Freud, os teóricos localizacionistas sabem mais a respeito da

[...] representação que das desconhecidas modificações ainda não caracterizadas fisiologicamente, servem-se da expressão elíptica: na célula nervosa está localizada uma representação. Esta substituição é, porém, suficiente para levar imediatamente a uma troca das duas coisas que não têm necessariamente uma semelhança entre si. Na psicologia, a simples representação é para nós algo de elementar que podemos distinguir nitidamente das suas ligações com outras representações. Chegamos assim à hipótese de que também o seu correspondente fisiológico, a modificação, que parte da excitação da fibra nervosa que termina no centro, seja alguma coisa de simples que se pode localizar num ponto. Uma tal versão é naturalmente de todo injustificada; as propriedades desta modificação devem ser determinadas *de per si*, ou seja, independentemente do seu correspondente psicológico. (FREUD, 1891/1977 p. 31 – o grifo do autor)

Nesse momento de sua elaboração, Freud, ao pensar na cadeia de eventos fisiológicos do sistema nervoso não o faz com referência a processos isolados, mas sim ao sistema nervoso em toda a sua dimensão. O autor menciona que há certa coexistência entre os eventos fisiológicos e os processos mentais. Essa compreendida como uma forma de concomitância dependente dos processos psíquicos em relação aos físicos. Isso sugere que não existe correlação um a um entre acontecimentos psíquicos e físicos, antes bem, tratar-se-ia de uma correspondência funcional, pois estes dois processos particulares não mantêm relações de causa e efeito.

Assim, fugindo do entendimento de que uma excitação passa pelas fibras nervosas e chega ao córtex cerebral como

representação, Freud, propõe que se observe com especial atenção a modificação gerada pelo trajeto realizado pelo correspondente fisiológico da representação, uma vez que os distúrbios da linguagem nas afasias realçavam mais o aspecto funcional do que o anatômico da linguagem. Em vez da noção neurológica que comporta a passagem de uma excitação para uma representação como se existisse apenas um ponto inicial e um final no córtex, abre-se um novo campo de investigação pela via da relação não reflexiva entre excitação e representação. Uma concepção de afasia como efeito de complexos processos que se difundem por toda a extensão cerebral.

Sob esse prisma, o autor funda um conceito de representação [Vorstellung] diferente do adotado pelas correntes filosóficas do século XIX. Em tais correntes predomina a visão clássica, fundamentada em Platão, na qual a representação das ideias e das coisas do mundo é entendida como princípio do funcionamento e origem da linguagem. Freud vai além ao elaborar uma teoria cuja “constituição de representações não pressupõe faculdades mentais, anteriores à linguagem” (MOTA, 1995, p.110), mas corresponde a um processo cortical associativo, incidindo na última fase de uma cadeia de reordenações consecutivas dos estímulos auferidos pela periferia nervosa.

Em Freud, a percepção não é concebida como mero reflexo da realidade efetiva. Ela é efeito de um processo de elaboração psíquica fundado via recepção de imagens visuais, táteis, acústicas as quais vão constituindo o campo das associações de objeto que, isoladamente, não constroem um sentido único para o objeto. Nessa perspectiva, não é a percepção que determina o objeto com o qual a palavra poderá manter uma relação de associação e assim obter valor de sentido. Isto é, o significado do objeto advém para o sujeito da articulação entre as associações do objeto e da palavra, numa relação com o outro, estabelecida na e pela linguagem e não da coisa externa.

Lacan (1959-1960/1997) observa na lição II *d'O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* que Freud consegue extrair a representação

da tradição ao isolá-la na condição de “corpo vazio, de um fantasma, de um pálido íncubo da relação com o mundo, de um gozo extenuado que constitui seu traço essencial através de toda a interrogação do filósofo” (p.79). Nota-se, com Lacan, que a noção de representação para Freud não resulta exclusivamente das relações entre sujeito e objeto; em outras palavras, a noção de representação em Freud não se ampara na ideia de representação como imagem reflexa das coisas do mundo via percepção sensível.

Nessa perspectiva, parece justificado aos olhos de Lacan o fato de Freud se distanciar dos pressupostos filosóficos ao inaugurar uma teoria da representação como elaboração mental. Para elaborar tal teoria Freud inspirou-se na “química mental”, de Stuart Mill (1843), segundo a qual os elementos que se ajustam na produção de propriedades são avaliados como irreduzíveis a seus atributos elementares. A seguinte asserção, em *A interpretação das Afasias*, comprova esta influência:

[...] aprendemos que a representação objectual não compreende senão isto, é que a aparência de uma “coisa” – de cujas diferentes “propriedades” falam aquelas impressões sensoriais – surge apenas na medida em que no leque das impressões sensoriais obtidas por um objecto incluímos também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa. (FREUD, 1891/1977, p.47)

O exposto acima demonstra que as escolhas de Freud para construir o conceito de representação, na psicanálise, baseiam-se na relação entre “sensação” e “associação”. Nesse contexto, sensação e associação são termos usados para aspectos de um mesmo processo, e não para processos oriundos de diferentes regiões do cérebro. A sensação está sempre em processo de associação, não permanece isolada, isto é “não podemos ter uma sensação sem associá-la imediatamente” (op. cit., p. 12).

Isso significa dizer que o processo de associação é unitário e indivisível e que neste há uma relação de solidariedade,

paralelismo entre duas ordens de processos: a primeira, relativa à obtenção dos elementos sensoriais, e a segunda à obtenção dos elementos psíquicos ou representacionistas. Segundo Freud (1891/1977), John Stuart Mill⁵ (1843) não concebe no processo associativo apenas a combinação de elementos que se sustentam sem qualquer tipo de modificação, mas sim o efeito produzido pela articulação de elementos dotados de propriedades irreduzíveis às propriedades dos próprios elementos em associação. Sob esse ângulo, o complexo associativo não coincide com a soma de seus elementos.

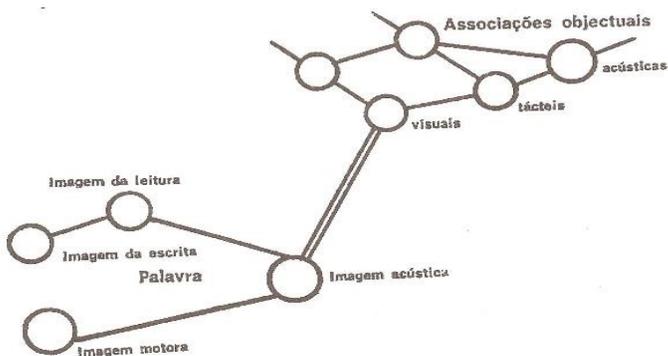
O pensamento freudiano também sofreu influência da teoria de Franz Brentano, filósofo alemão, professor de Freud no curso *A lógica de Aristóteles*, na Universidade de Viena (1874). Estudioso dos processos psíquicos, Brentano (1874) aparece como a primeira figura, na trajetória freudiana, a se dedicar especialmente aos acontecimentos de caráter puramente psicológico. A psicologia de Brentano encontra sua centralidade na distinção dos fenômenos físicos e psíquicos partindo da noção de intencionalidade representativa, em sentido ético. Em seus trabalhos realça que a representação não é uma reprodução do objeto externo, pois o sentido da representação não é determinado pelo objeto. Para o autor, em seu processo de constituição, a representação decorre da relação que as próprias representações articulam entre si.

Freud (1891/1977) avança com essa discussão detendo-se na questão da significação, que tem a ver, segundo ele, não com a “aparência de uma coisa” (p.47), mas sim com um “complexo associativo” (p.47) composto de variadas representações de ordem visual, acústica, tátil, e cinestésica. Dessa forma, pode-se dizer que os pressupostos teóricos de Stuart Mill e de Franz Brentano forneceram os subsídios necessários para Freud elucubrar as relações associativas da linguagem em outro estado de abordagem, superposto ao espaço cortical, conforme explicitado a

⁵ J.S. Mill, 1843, *Logik*, cap.III, e 1865, Na Examination of Sir Hamilton's Philosophy, apud S. Freud. *A interpretação das Afásias*, op.cit.p.71.

seguir no *esquema psicológico da representação de palavra* (FREUD, 1891/1977, p.46):

Figura 1 – Esquema psicológico da representação da palavra.



O esquema psicológico para a linguagem, demonstrado acima, foi usado por Freud (1891/1977) para explicar que, sob o ponto de vista da psicologia, a palavra (a unidade da função de linguagem) ⁶ constitui-se como uma complexa representação formada de dados visuais, sonoros, motores e cinestésicos. O psicanalista realça, ainda, que as lesões no aparelho psíquico lido como um aparelho de linguagem são originárias da desordem de seus componentes, pois, nas situações em que há presença de lesões orgânicas do aparelho de linguagem, observa-se uma “desmontagem do discurso segundo esta composição” (p.42). Isso significa dizer que, para além das concepções fisiológicas, a formulação e a instituição dos conceitos de palavra e representação tornam possível a Freud conceber as afasias como um processo de desarranjo associativo.

Esse processo incide em um campo associativo de representações de dois tipos: o primeiro, a representação de palavra [*Wortvorstellung*], como um complexo associativo fechado, constituído pela superassociação da imagem acústica, motora

⁶ FREUD, 1891/1977, p.42

(escrita e fala) e visual (leitura); o segundo, a representação de objeto e ou associações de objeto [*Objektvorstellung*], como um complexo associativo aberto desenvolvido pela superassociação de imagens táteis, acústicas, visuais, entre outras. Nas palavras de Freud (1891/1977), “a representação objectual aparece-nos como uma representação não fechada e dificilmente susceptível de fecho, ao passo que a representação palavra nos aparece como algo fechado embora susceptível de ampliação” (p.47). Nesse sentido, os termos “aberto” e “fechado”, apesar de remeterem à compreensão de representação como algo pronto e acabado, nutrem com o objeto uma relação analógica de exterioridade marcada pela incompletude.

Seguindo a gênese da palavra proposta por Freud, é possível afirmar que mesmo fechada à representação de palavra é passível de extensão, pois seus componentes visuais, sonoros, motores e cinestésicos reformulam-se de modo indefinido. Todavia, a representação de palavra consiste na proposição de apenas uma imagem acústica da palavra, uma imagem visual da letra e uma imagem motora da escrita e da linguagem. De modo contrário, a representação de objeto é aberta à apropriação de impressões originais capazes de liberar novas associações.

Ao retratar a complexa estrutura da representação Freud adentra-se à quase imperceptível fronteira entre a palavra e a associação de objeto, fazendo uma profunda sondagem dos conflitos peculiares da linguagem humana. Desse modo, Freud rompe com a barreira do tempo e, conforme expõe Moraes (1999), retoma o sentido da representação como ligação entre palavra e associações de objeto. Essa articulação ocorre quando a imagem acústica da representação-palavra se une via nomeação com a imagem visual da representação-objeto. Assim, a noção freudiana de representação coloca em cena a representação-palavra e a representação-objeto.

Em seus estudos sobre a linguagem, Moraes (1999) expõe que Freud considera a representação como um processo

associativo, instituída pela concomitante influência de elementos de ordem acústica, visual e motora, operando também

[...] em funções relativas a mais de um ponto do território da linguagem. Portanto, a representação deve ser entendida como a **diferença** entre as duas séries de associações: de representação-palavra e de representação-objeto. A palavra corresponde a uma associação de imagens mnêmicas e seu significado sobrevém da articulação da imagem acústica com as associações de objeto. Estas, por sua vez, não constituem o objeto ou a coisa externa (de onde a palavra retiraria sua significação). (MORAES, 1999, p.18 e 19 – grifo da autora)

Nessa perspectiva, o aparelho de linguagem, elaborado no livro *A interpretação das Afasias* (FREUD, 1891/1977) por causa das influências do pensamento de Franz Brentano permitiu a Freud recusar a imediata associação entre a fisiologia e a psicologia e possibilitou-lhe unir as representações palavra [*Wortvorstellung*] às associações de objeto [*Objektvorstellung*], produzindo assim o sentido da representação, mediante a imagem acústica da representação palavra e a imagem visual da associação de objeto. A esse respeito, Moraes esclarece que é de Brentano

a reflexão de que a representação não é uma reprodução do objeto externo e, sendo assim, o sentido da representação não é determinado pelo objeto, mas pela associação da representação com outras representações. Há significação, mesmo quando a representação não se refere a um objeto real (o Centauro, por exemplo). (MORAES, 1999, p.26 e 27)

Freud, a partir dessa ideia, entende que o sentido das representações [*Vorstellung*] não emana da relação que a representação conserva com a coisa externa, mas sim da relação que a *Vorstellung* mantém com a representação-palavra. O psicanalista, portanto, aposta que não é a coisa externa que vai prover à representação de seu significante, mas a relação que cada representação [*Vorstellung*] sustenta com as demais representações

[*Vorstellugen*]. Isso pressupõe que o significante não está diretamente vinculado à coisa representada, assim como também não sustenta uma relação referencial. A esse respeito, Mota (1995) destaca em seus estudos sobre a linguagem que

[...] a significação resulta da articulação entre “representação-objeto” e “representação-palavra” e não da relação biunívoca entre representação e objeto ou referente. A “representação-palavra” e a “representação-objeto” são, em si mesmas, fulcros de associações. E, conforme Freud explica, é necessariamente pela articulação com a representação-palavra que a representação objeto ganha sentido. Do mesmo modo que só por sua articulação com a “representação-objeto” é que a representação-palavra ganha denotação. (MOTA, 1995, p.109-110)

Nessa perspectiva, a significação se estabelece a partir da relação entre representação-palavra e representação-objeto através da imagem visual do objeto. Dessa forma, o significado do objeto procede da articulação entre as associações de objeto e da palavra e não propriamente da coisa externa. Para Freud (1891/1977), no decorrer das diversas etapas do processo de aprendizagem da linguagem ocorrem relações associativas que se sobreassocia de modo que a cada nova etapa do desenvolvimento da linguagem fundam-se novas articulações. Com efeito, cada uma dessas etapas versa sobre uma ampla reestruturação do aparelho de linguagem. De certa maneira, o que se depreende na base dessa teoria é a hipótese do processo de aprendizagem e as habilidades linguísticas estarem concentradas na relação entre várias palavras⁷, isto é, no processo de superassociação [*Superassociationen*].

Segundo Freud (1891/1977, p. 35), esse processo se caracteriza pela emergência de “novas associações”, pela relação entre

⁷ Nesse sentido, a palavra é uma “complexa representação que consiste nas imagens mencionadas ou, por outros termos, à palavra corresponde um intrincado processo associativo em que vêm a entrar os elementos já mencionados, de proveniência visual, acústica e cinestésica”. (FREUD, 1891/1977 p.46)

distintos complexos representacionais. Uma vez excluídas as fontes de abertura no complexo da palavra e de toda sua dimensão relacional, a representação-palavra parece encontrar, na combinatória de elementos presentes em outro aparelho de linguagem, a condição necessária para produzir novas mensagens. Conforme expõe Moraes:

Tendo em vista que o complexo da palavra, em contraposição às associações de objeto, é fechado [...] a representação-palavra é relacional, pois vai nascer não só de uma conexão primária com as representações de objeto, como também da relação desse complexo representacional com outros complexos, que Freud nomeia **superassociação**. (MORAES, 1999, p.20 – grifo da autora)

No contexto da produção da linguagem, a representação pode ser entendida como a unidade basilar a partir da qual os processos linguísticos (fala, leitura e escrita) vão se instituir. Para Freud (1891/1977), com a fala, é possível associar uma “imagem acústica da palavra” com uma “sensação a nível de inervação da palavra”. Desse modo, quando a fala é pronunciada chega-se à posse de uma “representação motora da linguagem” (p.42). Nesse caso,

aprendemos a língua dos outros esforçando-nos por tornar a imagem acústica que nós produzimos o mais possível semelhante à que forneceu o ponto de partida para a inervação da linguagem. Aprendemos assim a “repetir”. No “falar articulado” alinhamos as palavras uma a seguir à outra, mas antes de inervar a palavra seguinte esperamos que tenha chegado a imagem acústica ou a representação motora da linguagem ou então uma e outra imagem da palavra anterior. A segurança do nosso falar parece assim sobredeterminada e pode suportar bem a queda de um ou outro momento determinante. Com esta falhada correcção por parte da segunda imagem acústica e da imagem motora da linguagem explicam-se algumas peculiaridades da parafasia quer fisiológica quer patológica.” (FREUD, 1891/1977, p.43)

A partir da afirmativa freudiana exposta no trecho acima subentende-se que a aprendizagem da língua é possível mediante as operações de associação e representação. Tais operações compõem a fonte relacional entre sujeito, linguagem e mundo, de modo que a aquisição da língua sob o olhar da psicanálise implica pensar a representação na relação de diferença com as associações. Segundo Moraes (1999, p.23), Freud considera o processo hierárquico no qual se instituíram primordialmente “as funções dos campos associativos da linguagem na língua materna” (p.24) e propõe o investimento de conhecimentos posteriores no campo da linguagem.

A representação tal como proposta por Freud, mediante suas investigações acerca dos fenômenos psíquicos, envolve a renúncia de pressupostos filosóficos legados pela psicologia experimental da época. Dessa forma, o psicanalista austríaco cria uma teoria das representações cujos conteúdos independem de uma determinação cognitiva na mente. Assim, a representação é concebida em termos estruturais, não apenas como objeto basilar dos fenômenos psíquicos, mas segundo a lógica associacionista em que a representação-palavra está atrelada às associações de objeto via imagem acústica. Nessa lógica, as representações são desveladas por meio de diversas impressões organizadas em cadeias associativas.

Conforme discussão de Moraes (1999, p.18), a reflexão sobre o modo de associação entre representação-palavra e associações de objeto, com sua terminação sensorial, é que possibilita a Freud identificar diferentes tipos de afasia: verbal, simbólica e agnóstica. Para Freud (1891/1977), na afasia verbal apenas as associações entre os elementos simples da representação-palavra são perturbados. Já nos casos de afasia simbólica, a perturbação encontra-se na associação entre a representação-palavra e a representação-objeto. Por fim, nos casos de afasia agnóstica não há o reconhecimento de objeto.

Na concepção freudiana, a representação da palavra depende de um intrincado processo associativo que abrange elementos

peculiares para cada uma das “atividades da linguagem”, a saber: a fala, decorrente da associação entre uma imagem acústica da palavra e uma representação em nível de inervação da palavra; a repetição, produto da articulação entre distintas imagens acústicas; a soletração, efeito da união de imagens visuais das letras com novas imagens acústicas; a leitura, atrelada à relação associativa entre imagem visual das letra, imagem motora da linguagem e imagem acústica da palavra; e a escrita, ligada à associação imagem visual da letra com as imagens da escrita (Cf. FREUD, 1891/1977, p.42-45). Freud então esclarece que o modo como se aprende a falar, a soletrar, a ler e também o modo como se aprende outro idioma está especialmente atrelado ao manejo dado às categorias da palavra. Por essas intervenções, é possível aferir que a “afasia verbal” advém da perturbação da associação entre os componentes de linguagem, anteriormente mencionados. De acordo com Freud (1891/1977, p.47), no quadro de afasia verbal, está em questão a dissolução das associações da representação de palavra. A afasia verbal é considerada uma afasia de primeira ordem, pois são perturbadas somente as articulações entre cada um dos componentes da representação da palavra. Para o autor esse tipo de afasia pode ser compreendido mediante a análise dos efeitos causados pela localização da sua lesão. Nas palavras de Freud:

A segurança da diagnose aumentará no caso em que a lesão não se estenda mais profundamente dentro da região da linguagem, mas nos campos corticais confinantes, ou seja, quando a afasia motora é acompanhada por uma hemiplegia, a alexia por uma hemianopsia. (FREUD, 1891/1977, p.50)

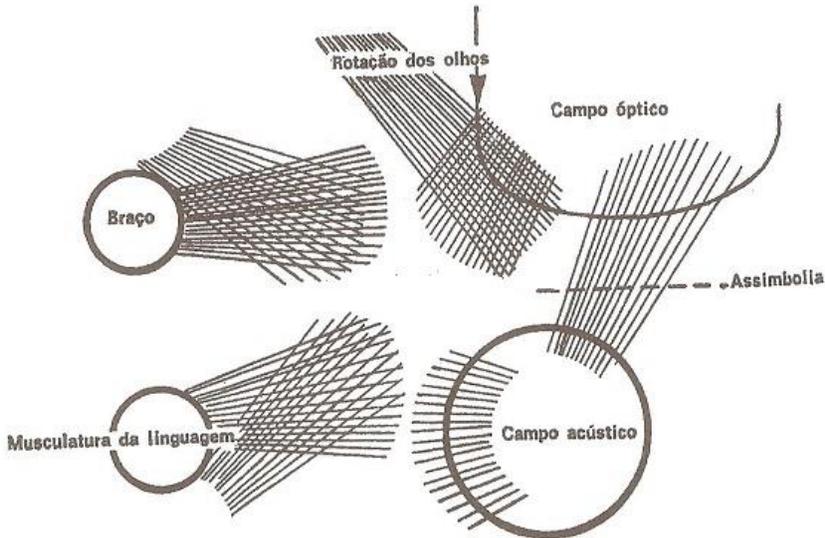
Em contrapartida, no caso da afasia simbólica, considerada a afasia de segunda ordem, a dissolução associativa surge entre dois complexos associativos, representação-palavra e objeto. Segundo Freud (1891/1977), em alguns casos de afasia simbólica a perturbação da linguagem pode “estar presente apenas como

conseqüência de uma lesão não extensa e que corre verticalmente em direcção da associação” (p.50). Esse tipo de afasia também tem como causa uma “condição puramente funcional” (p.51).

Nessa perspectiva, o uso equivocado das palavras também corresponde a um tipo de transtorno da linguagem por ele nomeado de “parafasia” [Paraphasie] e definido como “uma perturbação da linguagem em que o discurso é atropelado pela invasão de uma má-formação” (MORAES, 1999, p.21). Essas perturbações foram associadas por Wernicke e Lichtheim ao aniquilamento das fibras que conectam os centros motor e sensorial do cérebro. No entanto, contrário a essa concepção anatômica, Freud esclarece que as parafasias são distúrbios essencialmente funcionais do aparelho da linguagem e derivam das agregações de palavras, de sons ou sentidos similares substitutivos da palavra almejada. Tal substituição, de caráter mais complexo não é compreendida como homofonia pelo fato de passar a existir mediante variadas associações. Com isso Freud percebe que há na parafasia sinais de que, a despeito de algo que fracassa na linguagem, há uma intrínseca e continuada relação entre o que fracassa e o que se objetivava proferir no campo da linguagem. Desse modo, na explicação dos casos de parafasia, faz-se necessário destinar maior atenção à natureza das palavras e suas associações em detrimento das questões referentes à anatomia ou à fisiologia do cérebro.

Embora favorável à perspectiva funcionalista do aparelho de linguagem, cabe salientar que Freud, não rejeita em absoluto a ideia de localização anatômica em certos casos de afasia (verbal e simbólica). Por esse motivo, o psicanalista em sua monografia sobre as afasias (1891/1977) apresenta o *esquema anatômico do campo associativo da linguagem* (p.51), com o intuito de “representar apenas as relações entre cada um dos elementos associativos da linguagem” (p.49 e 50):

Figura 2 – Esquema anatômico do campo associativo da linguagem



O fragmento acima demonstra que Freud (1891/1977, p.51) explica de modo esquemático como se manifestam os “centros” da linguagem. No esquema, os círculos em destaque simulam os campos corticais do nervo sonoro, do nervo ótico, do braço e da musculatura da linguagem. Nesse caso, as vias associativas são concebidas a partir dos feixes de raios que despontam desses campos em sentido ao campo da linguagem. O ponto de interseção entre esses feixes e os transpassados por suas fontes são considerados o “núcleo” do próprio elemento associativo correspondente. Conforme elaboração de Freud (1891/1977), esse modelo anatômico pode ser usado para o diagnóstico particular das afasias no plano neurológico.

A partir do correlato anatômico, Freud localiza o aparelho de linguagem inteiramente no córtex cerebral, no hemisfério esquerdo. Apesar de não discutir a razão desses *inputs* bilaterais, Freud admite que o aparelho de linguagem recebe estimulação e associações de todo o córtex, inclusive do hemisfério direito.

Assim, fica evidente que o campo da linguagem se consolida pela sua extensão. No que se refere ao tratamento anatômico dado por Freud ao campo associativo da linguagem, o cérebro é compreendido em campos corticais detentores de uma multiplicidade de empregos funcionais.

Nessa perspectiva, Freud evidencia que os transtornos no emprego da fala acontecem não somente em sujeitos com lesão cerebral, mas também em pessoas saudáveis, em condição de esfalamento ou com baixo nível de atenção. O mau uso das palavras, seguido de consideráveis estremeções de fala, suporta uma estrutura que em nenhum quesito diferencia as pessoas normais das demais cuja lesão foi confirmada. Por esse prisma, Freud engendra o aspecto psicológico em um campo teórico contido pelos preceitos da teoria localizacionista da linguagem. É possível compreender, então, segundo Freud, que o aparelho de linguagem não precisa enfermar para não funcionar de modo eficiente, pois seu funcionamento “particular”, manifesto nos desacertos de fala, bem como nas contrafações das representações dos objetos, em absoluto não se vincula a um dano cortical, mas sim a relações associativas. Trata-se, portanto, de uma proposição funcional da afasia.

No caso das afasias agnósticas consideradas de terceira ordem, não há “reconhecimento de objetos” (p.47) e o aparelho de linguagem permanece “completamente intacto” (p.48). Esses casos de afasia “se apoiam num efeito à distância de tipo funcional sem lesões orgânicas do aparelho de linguagem” (p.49), causando prejuízos apenas na capacidade de intermediação do complexo representativo de objeto. Para Freud, a agnosia não se constitui propriamente de uma perturbação da linguagem, mas sim um comprometimento na relação da associação de objeto com outro objeto, não havendo perturbação nos complexos de representação-palavra e associações de objeto. Nesse sentido, a particularidade do que Freud concebe sobre a enfermidade do aparelho de linguagem, enquanto conjunto de representações associadas, é a hipótese de que tal aparelho não é exclusivamente

aquele que enferma, mas também aquele que significa para si mesmo a ocorrência da perturbação.

Parafrazeando Moraes (1999), a resistência de Freud em aceitar o localizacionismo das funções cerebrais como resultado de uma causalidade físico-psíquica possibilitou-lhe excluir de suas elaborações a diferenciação entre centros e vias de condução da linguagem, o que tornou possível propor, a partir dos distúrbios da fala, tanto a presença de processos funcionais, inteiramente diferentes dos processos considerados mecânicos no funcionamento da linguagem, quanto uma primeira noção de aparelho psíquico como aparelho de linguagem. Sendo assim, ao conceber a linguagem de maneira abrangente e difusa, funda um aparelho que funciona por via da representação-palavra e associações de objeto.

Em *Histeria*, artigo publicado em 1888, Freud apresenta a afasia histérica similar aos dois tipos de afasias (verbal e simbólica) descritas no estudo crítico de 1891. Para o psicanalista, ambas podem ser explicadas pelo mesmo princípio, qual seja, pela perda associativa funcional que ocorre no aparelho da linguagem. Ainda nesse texto, postula não ter encontrado nos pacientes histéricos danos anatômicos perceptíveis do sistema nervoso, e que mesmo com “o aperfeiçoamento das técnicas de anatomia” não se deve almejar identificá-los, pois a histeria fundamenta-se “inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso”, e sua natureza pode ser expressa por meio de uma “fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade nas diferentes partes do sistema nervoso”. (FREUD, 1888/1996, p.77).

Freud no artigo *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas* (1893/1996) também apresenta a histeria como uma doença de ordem fisiológica. Ele desnuda a tênue fronteira entre o sintoma corporal e a estrutura anatômica, extinguindo a superioridade desta em detrimento do primeiro, de modo a colocá-los numa relação de arbitrariedade. Freud, ao articular uma teoria da afasia (1891) com a histeria propõe a noção de que os sintomas histéricos

encontram-se numa relação de causa simbólica e não mais de causas exclusivamente endógenas e orgânicas, pois tais sintomas são engendrados no corpo segundo os efeitos produzidos pelo funcionamento psíquico. Essa relação compreende o funcionamento corporal pela via dos processos excitatórios atrelados ao aparelho psíquico. Para tanto, o psicanalista retoma ainda neste texto a discussão desenvolvida em *A interpretação das afasias* (1891) sobre as diferenças entre as paralisias periférico-medulares e as paralisias cerebrais. A esse respeito diz:

Propus dar à paralisia periférico-medular *détaillée* o nome de *paralisia em projeção*. Mas o mesmo não se aplica às relações entre os elementos da medula e os do córtex. O número de fibras condutoras já não seria suficiente para dar uma segunda projeção da periferia sobre o córtex [...]. O fato é que há uma modificação no ordenamento das fibras no ponto de conexão entre os dois segmentos do sistema motor. Sustento, pois, que a reprodução da periferia no córtex não é mais uma reprodução fiel, ponto a ponto, que não é mais uma projeção verdadeira. É uma relação por meio do que se pode chamar de fibras representativas, e para a paralisia cerebral proponho o nome de *paralisia em representação*. (FREUD, 1893/1996, p.204 – grifos do autor)

Freud, a partir dessa diferenciação das paralisias considera como legítima a hipótese da paralisia em casos de histeria configurar-se como uma paralisia de representação, contudo, segundo ele, trata-se de “um tipo especial de representação cujas características permanecem como um assunto a ser desvendado” (FREUD, 1893/1996, p. 206). Isso permite pensar que o caráter dessa representação não possui especificamente uma base anatômica. Tendo em vista que na concepção freudiana a lesão nas paralisias históricas independe da estrutura anatômica do sistema nervoso, pois, “nas suas paralisias e em outras manifestações, a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta” (FREUD, 1893/1996, p.212 – grifos do autor).

Assim, ao tematizar a paralisia histérica também como uma perturbação de ordem funcional, Freud reforça a ideia de separação das funções psíquicas de seus correlatos anatômicos. Pode-se dizer, então, que mediante o exercício de comparação entre os casos de afasia não orgânica e os sintomas históricos, o psicanalista verifica que ambos comparecem numa parte do corpo sem levar em consideração sua estrutura anatômica. Isso porque tais fenômenos não estão submetidos a uma organização anatômica fixa do aparelho nervoso, mas sim a um tipo de lesão funcional que incide, não sobre o biológico, mas sim sobre sua representação psíquica.

Nessa perspectiva, as especificidades das afasias não orgânicas e das paralisias históricas são delimitadas em relação ao entendimento da lesão como uma “modificação da representação (FREUD, 1893/1996). A questão freudiana é a delimitação do fator psicológico aí presente, ou seja, o reconhecimento de que no caso de uma paralisia histérica haveria uma “abolição da acessibilidade associativa da representação” (p.212). A fim de exemplificar tal pensamento o autor relata que na histérica o caso de uma paralisia do braço consiste no fato de que “a representação do braço não consegue entrar em associação com as outras idéias constituintes do ego, das quais o corpo da pessoa é parte importante”, de modo que o “braço comporta-se como se não existisse para as operações das associações” (FREUD, 1893/1996, p.213). Assim, o autor salienta que uma determinada “representação” pode permanecer inacessível mesmo não apresentando lesão no sistema nervoso. Segundo Moraes⁸ (2004) na concepção freudiana a histérica ao rejeitar e ignorar a ideia de corpo proposta pela medicina,

[...] cria num novo corpo, organiza um saber sobre o corpo, organiza simbolicamente o suporte anatômico de sua lesão. A anatomia simbólica da histérica não é feita de órgãos agrupados, mas de representações agrupadas que ela tem de cada órgão. Trata-

⁸ Texto inédito: *A importância da “memória” na concepção de linguagem e de inconsciente: para a passagem das afasias à Carta 52.* (MORAES, 2004).

se de uma anomalia na associação das representações: uma representação particularmente investida de afeto se torna inacessível ao conjunto de todas as outras e não chega a integrar o conjunto das representações, porque uma forma imaginária veio investi-la, isolá-la e torná-la traumática. Contudo, não é a forma imaginária que proporciona a força traumática à representação, mas a percepção sensível e inconsciente dessa forma. (MORAES, 2004, p. 03/Inédito)

Observa-se a partir da citação de Moraes (2004) que Freud concebe o corpo não apenas como um organismo, uma extensão como propõe os postulados cartesianos. O corpo não é de modo restrito um conjunto de músculos e órgãos, mas “aquilo que pode portar a marca adequada para situá-lo numa sequência de significantes (LACAN, 1970/2003, p.407). Trata-se de um corpo afetado por linguagem. Nessa perspectiva, o sintoma surge como defesa do eu em relação a uma representação que não pôde ser assimilada. Para Freud (1893/1996), na histeria sintomas como paralisias e anestésias de várias partes do corpo são determinados por representações e não por elementos anatômicos. Isso indica que a causa do sintoma histérico estaria atrelada à relação do sujeito com a linguagem e não à ideia de uma deteriorização hereditária do cérebro.

Apesar da proximidade de Freud com os neurologistas, responsáveis por sua formação médica inicial, a crença do psicanalista na ideia de as variações nas capacidades psicológicas serem governadas por leis de funcionamento particulares, e não pelos preceitos da ciência anatômica, permanece presente ao longo de sua obra. Esse fato culminou na hipótese clínica de que as capacidades psicológicas não eram aniquiladas por lesões fixadas do cérebro, mas sim modificadas e desordenadas de modo dinâmico com outras capacidades. Assim, o psicanalista passa a descrever e explicar as síndromes psicológicas propriamente como desdobramento do funcionamento do aparelho psíquico.

Em suma, para evitar que o psíquico fosse confundido com o físico, Freud define o primeiro como efeito de sistemas funcionais dinâmicos, capaz de se estabelecer e se adequar a múltiplos contextos. Esse efeito necessita, portanto, ser tomado como algo difundido entre os elementos invariáveis do aparelho, não podendo ser identificado em regiões circunscritas anatomicamente.

Embora inicialmente Freud adote os termos da neurologia para desvelar o complexo processo de funcionamento do aparelho psíquico, ao longo de suas elaborações ele abandona os pressupostos teóricos e clínicos da neurologia e formula um aparelho de linguagem para pensar o inconsciente. Desde seus textos iniciais, ele já se preocupava em definir o sentido tópico do inconsciente, por isso o que se põe em pauta são as consequências do fato de o campo da linguagem ser definido por sua extensão, sendo que a ideia de localização nesse campo indica a de deslocamento do anatômico para o fisiológico enquanto processo, portanto, o aparelho de linguagem pressupõe um processo de diferentes níveis funcionais. O aparelho de linguagem não coincide com a ideia de um aparelho para a linguagem, feito para a linguagem, isso porque trata-se de um aparelho construído por linguagem que não existe sem linguagem e sem ser falante. Tal posicionamento teórico foi o responsável pela instituição da psicanálise como da ordem de um campo próprio do saber.

Entre um instante e outro, entre o passado e o futuro,
a vaguidão branca do intervalo. Vazio como a
distância de um minuto a outro no círculo do relógio.
Apenas um segundo quieto talvez separando um
trecho da vida seguinte. Deixando depois de si o
intervalo perfeito como um único som vibrando no
ar. Renascer depois, guardar a memória estranha do
intervalo, sem saber como misturá-lo à vida. Carregar
para sempre o pequeno ponto vazio - deslumbrado e
virgem, demasiado fugaz para se deixar desvendar.
(Clarice Lispector)

2. PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA (1895) E A CARTA 52 (1896): a memória é inconsciente

Nas palavras de Lacan (1959-1960/1997), o *Projeto para uma psicologia científica*⁹ (1895/1996), é “sem dúvida alguma, como ouvirão dizer, difícil, mas também é apaixonante” (p.50). No texto, além do levantamento de hipóteses, fica evidente “a primeira contenda de Freud com o próprio *pathos* da realidade com a qual ele lida em seus pacientes” (p.50). Isso significa que as elaborações elencadas no referido texto apresentam rigoroso esforço teórico em prol do distanciamento de teorias excessivamente naturalistas dos processos psíquicos.

No *Projeto* (1895/1996) [*Entwurf*], é perceptível o empenho de Freud em formular uma teoria sobre o psiquismo e seu funcionamento. Imbuído dessa ideia, o autor divide o aparelho neuronal em três sistemas, assim descritos: o sistema de percepção φ

⁹ É importante salientar que apesar de ter sido redigido em 1895 a obra foi publicada postumamente em 1950.

[Phi], o sistema de memória ψ [Psi] e o sistema ω [Ômega], este, o responsável pelo desenvolvimento de qualidades sensoriais. O aparato neurológico, postulado por Freud, apresenta duas proposições teóricas: a proposição do neurônio (N), unidade material e funcional do sistema nervoso, e a proposição da quantidade (Q e Qn), determinada como aquilo que distingue a atividade do repouso e está submetida à lei universal do movimento.

A primeira baseia-se em termos tópicos e estruturais, e a segunda fundamenta-se em termos econômicos. Essas duas proposições, ideias centrais do Projeto, implicam a noção de representação e atuam como elementos analisados clinicamente de modo a produzir efeitos na experiência das neuroses. Apesar da aproximação de Freud às vertentes teóricas materialista e racionalista, é na experiência da clínica que as elaborações do *Projeto* são legitimadas. Para Freud (1895/1996), a base clínica apresentada, sobretudo nas partes I (esquema geral) e parte II (psicopatologia) da referida obra, promove a reflexão sobre os processos de “estímulos, substituição, conversão e descarga” (p.347) de excitações neuronais presentes em casos de histeria e obsessão.

Ainda no *Projeto* Freud desenvolve os conceitos de “barreiras de contato” e “facilitação”, os quais corroboram a constituição de traços permanentes no aparelho psíquico, dando origem à memória. De acordo com o autor, “uma teoria psicológica digna de consideração precisa fornecer uma explicação para a memória” (1895/1996, p. 351). Nesse sentido, no *Projeto* [Entwurf], Freud apresenta os elementos fundamentais da constituição e do funcionamento do aparelho psíquico, concebido por ele como um aparelho de memória, formado por forças repulsantes e desejantes. A memória, nessa concepção, difere da adotada pela psicologia cognitiva. Segundo Moraes (1999), a distinção entre os neurônios realça a impossibilidade de um determinado segmento de neurônios “servir à memória e à percepção” (p.29) ao mesmo tempo, isso porque para a efetivação do processo perceptivo faz-se necessário que o neurônio “encontre uma superfície que se permaneça inalterada a cada nova concepção e, ao mesmo tempo,

que no processo da memória a alteração aconteça de maneira permanente e sucessiva” (MORAES, p.29 e 30).

A fim de justificar as distinções existentes entre as duas classes de neurônios, os motores e os sensoriais, Freud, na primeira parte do *Projeto* (1895/1996), trabalha com o *princípio da inércia* pelo fato de este se caracterizar pela livre circulação das quantidades de estímulos específicos entre os neurônios, com vistas à sua descarga imediata. Essa livre circulação das quantidades de estímulos impede a elevação dos níveis de tensão (desprazer), reduzindo a carga de energia ao menor índice possível. Para Freud (1895/1996), é impossível escapar de tais estímulos, pois eles se impõem como “*exigências da vida*” (p.349-grifo do autor), fazendo com que o sistema psíquico suporte uma quantidade Q_n e a conserve em nível constante. Freud compreende a quantidade como um *quantum* finito e determinado de energia que escoo pelo campo psíquico.

Nessa perspectiva, a economia psíquica segue, e ao mesmo tempo desloca, o esquema do arco-reflexo: estímulo, tensão e resposta. O movimento reflexo, nesse caso, é compreendido como um “dispositivo destinado a neutralizar a recepção de Q_n através de sua descarga” (1895, p.348). Essa quantidade representa um estado de tensão que permite ao aparelho psíquico o desenvolvimento de preceitos simbólicos. Com essa ideia, Freud parte do modelo estímulo-descarga para pensar o aparelho psíquico e dessa forma complexificá-lo. Assim, os fenômenos neurofisiológicos são apresentados em termos de tensão e de descarga, e operam no arco-reflexo, a fim de encontrar no nível psíquico um correspondente.

Segundo a concepção do *princípio da inércia* e do arco-reflexo¹⁰, a energia no aparato mental escoo livremente por meio das

¹⁰ Segundo Roudinesco, “essa referência constituía para Freud, nos anos de 1892-1895, uma espécie de garantia de cientificidade, consoante com sua esperança de inscrever a abordagem dos fenômenos históricos numa continuidade com a fisiologia dos mecanismos cerebrais.” (1998, p.04)

representações, indo desde um estímulo pontual a uma resposta muscular. Para o autor, à medida que a necessidade cresce, a tensão física e psíquica também cresce, instaurando assim a expectativa de satisfação. Por essa via, a finalidade do *Projeto [Entwurf]* constitui-se na estruturação de uma

[...] psicologia que seja uma ciência natural: isto é representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. Duas são as ideias principais envolvidas: [1] A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Q, sujeita às leis gerais do movimento. [2] Os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais. (FREUD, 1895/1996, p.347)

Nota-se que, embora tendo a ciência natural como ideal a ser seguido, ao formular sua metapsicologia, Freud percorre um caminho divergente da anatomia e da neurologia da época, conforme já mencionado. Para Lacan (1959-1960/1997), o destaque da elaboração de Freud no *Projeto [Entwurf]* não se situa na “pobre contribuiçãozinha a uma fisiologia fantasista que ele comporta” (p. 50), mas sim na “teoria de um aparelho neurônico em relação ao qual o organismo permanece exterior, assim como o mundo exterior” (p.62). Desse modo, o neurônio é compreendido como a unidade material do sistema nervoso que rege e comporta energia, conforme a demanda do sistema.

Segundo Freud (1895/1996), o modo particular da ação quantitativa em cada um dos sistemas neuronais (φ [Phi], Ψ [Psi] e ω [Ômega]) promove a distinção entre eles. Essa particularidade da ação quantitativa estabelece entre os neurônios “barreiras de contato”, apresentando certa resistência ao escoamento da excitação de um determinado neurônio para outro. As barreiras de contato proporcionam resistências centradas nas articulações de contatos existentes entre os neurônios, impedindo com isso que a energia escoe livre de obstáculos. Sob esse prisma, Freud indica dois grupos de neurônios: 1) aqueles que deixam passar Qn

alheios às barreiras de contato e após cada passagem de excitação continuam no estado anterior; 2) aqueles cujas barreiras de contato só consentem a passagem de Q_n parcialmente.

Conforme a explicação de Freud, a teoria das “barreiras de contato” presume a divisão dos neurônios em duas classes: neurônios permeáveis φ , condutores e não retentores de Q_n , e os neurônios impermeáveis ψ , retentores de Q_n . Os neurônios permeáveis não proporcionam resistência à livre passagem de energia, pois atuam como se não existissem barreiras que servem à memória, já os neurônios impermeáveis impedem a passagem da energia que teima em descarregar livremente. Observa-se que nos neurônios permeáveis a quantidade de energia é de proporção maior, atravessando quase absolutamente as barreiras sem deixar sinais. Os neurônios impermeáveis, por sua vez, quando se encontram com as barreiras e suas resistências, buscam vias de facilitação para a passagem da quantidade endógena.

Segundo leitura lacaniana, as facilitações entre os neurônios são, na verdade, trilhamentos, ou seja, trilhas facilitadoras em certas direções e dificultadoras em outras. Isso sugere que as trilhas promovem um encontro entre os neurônios e provocam passagens de facilitação, responsáveis pela edificação de uma rede de cadeias, fazendo com que haja possibilidade de inscrição de alguns percursos. A esse respeito, Lacan (1959-1960/1997) diz que “o trilhamento não é absolutamente um efeito mecânico, ele é invocado como prazer da facilidade, e será retomado como prazer da repetição” (p.271 e 272), constituindo assim a experiência de satisfação que, associada aos trilhamentos antecedentes, estabelece uma rede significativa.

Na concepção freudiana, os neurônios do sistema ω podem ser permeáveis quando atuarem como agentes responsáveis pela qualidade da excitação. Com a percepção, os neurônios do sistema ω , ao serem excitados de modo contínuo, tornam-se capazes de produzir distintas qualidades na consciência, aqui entendida como “o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos do sistema nervoso, isto é, dos processos ω ” (Freud, 1895/1996,

p.363). Tais neurônios comportam-se como “órgãos de percepção” nos quais “não encontramos nenhum lugar para a memória” (p.362), ou seja, o sistema ω , responsável pelo registro das sensações conscientes, não funciona como memória consciente, já que a sensação consciente faz menção a sua natureza efêmera e não à condição da percepção como memória. Desse modo, para a psicanálise percepção e memória não coincidem.

Os sistemas neuronais φ , ψ e ω (estímulos endógenos) mantêm estreitas implicações com o mundo externo. De acordo com Freud, as cargas de excitação derivadas do campo externo (estímulos exógenos) adentram o aparelho psíquico por meio do sistema φ . O sistema ψ , além da carga de excitação fracionada proveniente de φ , admite também “catexia do interior do corpo” (FREUD, 1895/1996, p.367), incidindo nos ditos “neurônios nucleares” (p.367 – grifo do autor). A catexia, por sua vez, é a “*mola mestra* do mecanismo psíquico” (p.368 – grifo do autor), por facilitar a totalidade da passagem de condução. Nesse processo, é possível considerar que o sistema ψ depende da Q. Conforme pressupõe Freud,

no momento em que a via de condução é re-ajustada, nenhum limite adicional é fixado por essa soma. Aqui, ψ está à mercê de Q, e é assim que surge no interior do sistema o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos essa força como *vontade* – o derivado das *pulsões*.” (FREUD, 1895/1996, p.369 – grifos do autor)

Observa-se que, para Freud, os estímulos endógenos apresentam uma procedência intercelular e são causados de maneira continuada pelo organismo, sendo, periodicamente, convertidos em estímulos psíquicos. Nesse contexto, as quantidades endógenas operam exclusivamente por meio da soma de pequenas frações de excitação. Essa soma permite que as Qs alcancem, eventualmente, os neurônios psi-nucleares.

Com base nessas considerações é preciso admitir que os estímulos endógenos fundam as necessidades mais essenciais do

ser humano, como, por exemplo, a respiração, a sede, a fome e a sexualidade. Sendo assim, do ponto de vista freudiano, os estímulos endógenos continuam circulando pelo sistema até que as necessidades mencionadas sejam aplacadas por uma determinada ação específica oriunda da realidade externa. Essa realidade exige que o sistema nervoso disponibilize energia para efetivar tais ações. Nesse caso, o *princípio de inércia* – descarga integral de energia – é substituído por um *princípio de constância*. Este, por sua vez, mantém a energia em um nível estável e impede qualquer acréscimo da quantidade de energia.

Em síntese, no sistema ψ as barreiras de contato oferecem resistência à passagem da excitação. No sistema φ as quantidades, ou melhor, os estímulos intercelulares recebidos possuem intensidade superior a da “resistência das barreiras de contato” (FREUD, 1895/1996, p.351) e, por isso, nesse sistema tais barreiras estão totalmente facilitadas. A diferença do nível de facilitação entre neurônios permeáveis e impermeáveis possibilita a constituição da memória pela afirmação de facilitações [*Bahnungen*] entre os neurônios ψ . Por essa premissa, conclui-se então que “a memória está representada pelas facilitações entre os neurônios ψ ” (FREUD, 1895/1996, p.352 – grifos do autor). Interessado, portanto, em esclarecer as características gerais da memória, Freud traz o advento das resistências, estabelecido pelas barreiras de contato à descarga.

Destarte, o sistema de neurônios impermeáveis oferece resistência à passagem de energia (exógena ou endógena) e estabelece facilitações [*Bahnungen*] entre os neurônios, organizando os traços mnêmicos como “representações” de experiências. Nesse sentido, as facilitações estão sujeitas à intensidade e à constância de uma impressão mnêmica de modo que o descimento das resistências, causado pelas barreiras de contato, favorece a passagem em determinadas direções e em outras não. A diferença imposta nas facilitações implica, segundo Moraes (1999), a “possibilidade da escolha de um caminho e a sugestão de que a memória não é a reprodução mecânica de um traço” (p.30). Assim,

a memória é proposta como a diferença quantitativa entre as facilitações dos neurônios ψ . Para Moraes (1999),

o fato de o sulcamento não ser indiscriminado e apresentar diferentes graus de resistência interroga a noção de traço mnêmico como reprodução e o propõe como diferença que se escreve. Não se trata de uma diferença pré-estabelecida, mas diferença que se escreve em complexos trajetos associativos que constituem as representações. (p.30-31)

Conforme Moraes, Freud, no *Projeto* (1895/1996), explica a inscrição da recordação no aparelho neurônico sem recorrer à hipótese de haver uma paridade ou mesmo similitude entre os traços e os objetos. Sob esse prisma, o traço mnêmico configura-se como um arranjo específico de facilitações [*Bahnungen*], e a memória se constitui a partir da inscrição das impressões como rastros, sulcos, facilitações, numa combinação associativa marcada pela diferença de seus elementos. Assim, a inscrição está sujeita ao vigor e à amplitude da impressão que funda o escrito inconsciente. Portanto, a memória em Freud não pode ser compreendida apenas como o registro de traços perceptivos.

A partir dos pressupostos de Freud sobre os três sistemas anteriormente apresentados, depreende-se que tanto as barreiras de contato quanto as vias de facilitação ou trilhamentos, na concepção lacaniana, surgem após o registro psíquico; este, por sua vez, originado pelo crescimento de tensão, acompanhado da “ação específica”¹¹ [*spezifische Aktion*] e, posteriormente, pela redução da tensão (motivo de prazer). Esse jogo de tensão desencadeia um processo nomeado por Freud de experiência de satisfação.¹² Para elucidar esse processo, o psicanalista esclarece que o

¹¹ As referências à ação específica [*spezifische Aktion*] feitas neste texto remontam ao início da obra freudiana. Nesse sentido, a ação específica, é entendida aqui como aquela que não pode ser produzida senão com o apoio de um outro sujeito, que é convocado pelo grito da criança.

¹² Vale lembrar que, segundo o *Projeto* (1985/1996), o que permite a criação do registro psíquico é o aumento de tensão acompanhado da ação específica e, em

organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*. Quando a pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno. A totalidade do evento constitui então a *experiência de satisfação*, que tem as conseqüências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo. (FREUD, 1895/1996, p.370, grifos do autor)

Por esse prisma, é possível aferir que a experiência de satisfação surge pela condição de desamparo em que se encontra, em princípio, o organismo humano. A experiência constituída por essa condição promove a associação da satisfação experimentada com o complexo da imagem do objeto desejado, isso porque “os investimentos perceptivos nunca são investimentos de neurônios isolados, mas sempre de complexos” (FREUD, 1895/1996, p.380). Portanto, essa experiência só ocorre quando há supressão da tensão, proveniente das excitações internas.

Segundo Moraes (1999), com essa ideia Freud parte da hipótese de

[...] um aparelho reflexo, no qual a incidência de qualquer excitação sensorial seria prontamente descarregada por uma via motora. Esse aparelho deve à necessidade/exigência da vida [Not des Lebens], o impulso para seu desenvolvimento posterior. Aos impactos

seguida, a diminuição da tensão. Freud nomeia esse processo de Experiência de satisfação. A partir do ensino de Freud, Moraes observa “a intervenção deste outro na experiência de satisfação não se restringe apenas ao domínio da satisfação da necessidade, mas sua ação – na atribuição de sentido que faz dos gritos e gestos da criança – permite introduzi-la no universo da comunicação.” (Sintagma acrescentado por Moraes).

momentâneos do mundo externo, esse aparelho reage com uma descarga motora, que não vale para as excitações provenientes de uma força constante interna, pois essa necessidade não é eliminada. [...] Como nenhuma descarga pode produzir alívio à necessidade, uma vez que o estímulo interno continua a ser recebido pelo sistema de memória como tensão, apresenta-se a urgência de uma intervenção que suspenda a descarga no interior do corpo. (MORAES, 1999, p.46 e 47)

A partir de Freud (1895/1996), a autora apresenta esse evento como constitutivo da experiência de satisfação. Tal experiência principia, via descarga energética, a extinção da urgência que ocasionou o desprazer em ω . Na concepção freudiana, essa descarga não causará alívio, pois o estímulo endógeno não cessa. Sendo assim, torna-se imprescindível uma intervenção que interrompa temporariamente a urgência. Essa intervenção pode ser exemplificada da seguinte forma: a criança em condição de desamparo está em dependência de um terceiro, o outro, para a efêmera remoção do estímulo endógeno, havendo nessa dependência uma relação de assujeitamento ao outro. Nas palavras de Freud (1895/1996), a totalidade da experiência de satisfação produz três coisas no sistema ψ :

[...] (1) efetua-se uma descarga permanente e, assim, elimina-se a urgência que causou desprazer em ω , (2) produz-se no *pallium* a catexização de um (ou de vários) neurônio que corresponde à percepção do objeto; e (3) em outros pontos do *pallium* chegam as informações sobre a descarga do movimento reflexo liberado que se segue à ação específica. Estabelece-se então uma facilitação entre as catexias e os neurônios nucleares. (FREUD, 1895/1996, p.370)

Portanto, com o retorno do estado de urgência, o investimento também incide nas lembranças, reativando-as. Uma vez restituído o estado de tensão, há um impulso psíquico de reinvestir imagens mnêmicas do objeto no intento de repetir a experiência de satisfação inicial. Nesse caso, a imagem mnêmica

do objeto torna-se a primeira a ser ativada pela atuação do estado de urgência mediante a ação reflexa – análoga a uma percepção, cujo resultado é a frustração. A experiência de satisfação se constitui, portanto, de diversas percepções simultâneas que abrem caminhos de memória oriundos da tensão. Para esse processo de experiência de satisfação, Freud dá o nome de estado de desejo, pois “resulta numa *atração* positiva pelo objeto desejado, ou mais precisamente, por sua imagem mnêmica” (1895/1996, p.374 – grifos do autor). É na busca pelo objeto, desde sempre e para sempre perdido, que o desejo pode advir.

Segundo Freud (1895/1996), essa primeira experiência de satisfação deixa sinais no psiquismo do sujeito em constituição. Tais sinais são evidenciados a partir das sensações de mal-estar vivenciadas pelo bebê, que busca repetir a experiência de satisfação por uma via alucinatória. Assim, de forma correlativa, a criança emprega a imagem mnêmica para encaminhar suas buscas em direção ao objeto “real” de satisfação. Nessa perspectiva, com o nascimento, a vida do bebê passa a depender de forma mais específica de outro sujeito, normalmente a mãe ou cuidador, o portador dos objetos de desejo da criança, como o alimento, a voz, o gesto e a linguagem.

É nessa articulação com a dimensão do simbólico que Freud, desde 1891, no texto sobre as *Afásias*, ensina que o aparelho psíquico é fundado por linguagem, constituído na relação com outro aparelho de linguagem. O psicanalista considera que a criança, a partir de seu acesso ao universo simbólico, alcança as condições necessárias para conferir significação as suas vivências precedentes. Do ponto de vista da psicanálise, a experiência de satisfação interpõe um encadeamento simbólico fundamental para a estruturação e o funcionamento do aparelho psíquico. Sendo assim, na concepção freudiana, é a retroatividade do registro simbólico que atribui potência psíquica às inscrições mnêmicas. Cabe observar que Freud elabora o fundamento de sua teoria do inconsciente interrogando, a partir do modelo de aparelho

psíquico instituído, o modo pelo qual a criança acede à estrutura da linguagem ao colocar-se defronte ao Outro.

Nesse contexto, o chamado da criança se depara com a existência da mãe ou do cuidador como Outro, aquele que produz uma mensagem. Ao ocupar o lugar de Outro, a mãe exerce a função de potência nomeadora e oferece à criança significantes por meio da fala, tomando a necessidade pueril como demanda. Assim, diante do desamparo infantil é o Outro que promove a experiência de satisfação, eliminando a tensão produzida pela necessidade de modo a impedir o desprazer e obter prazer. Essa primeira experiência não é absolutamente representada, algo dela se perde; há um resto que perdura sem representação, sem significação, e se constitui como ponto de furo de onde o desejo pode incidir. A demanda para Lacan

[...] se coloca no plano de uma comunhão de registro e de linguagem e efetua uma entrega de todo o si mesmo, de todas as suas necessidades, a um Outro de quem o próprio material significativo da demanda é tomado de empréstimo, para adquirir uma outra ênfase. Esse deslocamento é imposto à demanda muito especialmente por seu funcionamento efetivo. (LACAN, 1957-1958/1999, p.98)

Conforme a colocação acima é possível afirmar que a demanda é “aquilo que, a partir de uma necessidade, passa por meio do significante dirigido ao Outro” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 91). Nesse caso, a demanda não apenas traduz a necessidade, ela a transpõe, a aliena e também, de maneira radical, a coloca em oposição. De modo que

[...] a demanda, por si só, é tão relativa ao Outro, que o Outro logo se descobre na posição de acusar o sujeito, de repeli-lo, ao passo que, ao evocar a necessidade ele o autentica, assume, homologa, aproxima-o de si, já começa a reconhecê-lo, o que é uma satisfação essencial. O mecanismo da demanda faz com que o Outro, por natureza, se oponha a ela, e poderíamos dizer que a demanda exige

por natureza, para se sustentar como demanda, que haja uma oposição a ela. A introdução da linguagem na comunicação é ilustrada a todo instante pelo modo como o Outro tem acesso à demanda. (LACAN, 1957-1958/1999, p.91-92)

A intervenção do Outro implica a entrada da criança na ordem simbólica e se refere à falta real, à parte perdida do sujeito, ao fato de existir o significante. A necessidade, ao se produzir como significante, deixa vestígios impossíveis de inscrição não-simbolizável em demanda, causando algo que não se satisfaz, um resto que move a economia psíquica. Essa operação advém da ilusão de que possa existir um significante que restaure, importe, denote aquilo que falta. Nessa perspectiva, a ilusão de completude promove a alienação que é própria do sujeito, porém não é pelo fato de o processo ter como ponto de partida o Outro que o torna uma operação de alienação, pois a causa do sujeito é o significante, de modo que “o Outro seja para o sujeito o lugar de sua causa significante do sujeito, só faz explicar, aqui, a razão por que nenhum sujeito pode ser causa de si mesmo.” (LACAN, 1960a/1998, p.855). Sendo assim, é possível dizer que o cerne da alienação encontra-se na bifurcação do sujeito, na impossibilidade de o sujeito se estabelecer separado do Outro, do campo do sentido.

Nesse estado de alienação há um assujeitamento à experiência de satisfação dos desejos do Outro. Parafraseando Freud (1895/1996), pode-se dizer que a experiência de satisfação, marcada pela relação de diferença prazer – desprazer, produz no funcionamento do aparelho psíquico uma tendência à repetição, fazendo com que o sujeito realize uma busca interminável pelo objeto perdido, o inalcançável. Nesses termos, a satisfação não é alcançada, pois o objeto “não é *real*, mas está presente apenas como *idéia* imaginária” (p.377). Assim, o que a criança busca não é a satisfação de uma necessidade, mas um “modo de prazer” experimentado anteriormente.

No processo de desejar há a possibilidade de ocorrer vários investimentos. De acordo Freud (1895/1996), a análise desse

processo incide em dois casos distintos. O primeiro, marcado pela coincidência da “catexia de desejo da imagem mnêmica” com a “percepção” desta catexia, resultando na descarga eficaz de Qn. Essa catexia, em termos gerais, se relaciona com os neurônios $a + b$. O segundo, balizado pela “catexia de desejo” e uma percepção fracionada da própria catexia de desejo, vincula-se aos neurônios $a + c$ (FREUD, 1895/1996, p.380). Nos dois modos descritos o neurônio a , geralmente, se mantém constante, isso porque nesse contexto, esse neurônio encontra-se presente tanto na catexia de desejo quanto na perceptiva. Já o neurônio b é, habitualmente, variável, tendo o neurônio c assimilado em seu lugar. Assim, b e c configuram-se como (in)possíveis representantes de a , que isolado não existe.

Para o psicanalista, é com a linguagem que se aplicará mais tarde o termo *juízo* a essa análise e

descobrirá a semelhança que de fato existe [por um lado] entre o núcleo do ego e o componente perceptual constante e [por outro] entre as catexias cambiantes no *pallium* e a componente inconstante: esta [a linguagem] chamará o neurônio a de a *coisa*, e o neurônio b , de sua atividade ou atributo – em , de seu *predicado*. (FREUD, 1895/1996, p.380 – grifos do autor)

Freud (1895/1996) prossegue sua elaboração afirmando que, se o neurônio a coincidir nas duas catexias, então o neurônio b desaparece, deixando um furo em seu lugar. Não obstante, o neurônio b , tomado por Freud como o atributo ou o predicado de a , não coincide com o neurônio c que nesse caso “é percebido em lugar do neurônio b ” (p.381). Assim, mediante em operação, o neurônio b pode ser transcrito em outro lugar. Com efeito, não se trata apenas de uma inscrição, pois este segundo registro é uma transcrição do primeiro, instituindo aquilo que Freud chama de a “imagem mnêmica desejada” (p.381), ou seja, traços do neurônio b retornam na cadeia associativa.

Sob esse prisma, o objeto primordial da satisfação é designado na psicanálise como *a Coisa* (das Ding), por excelência vazio, o inominável. A falta desse “objeto absoluto” não permite uma satisfação plena, pois o objeto apresentado coincide apenas parcialmente com aquele que proporcionou sua satisfação original. Nesse sentido, a pulsão move-se na direção determinada pelo objeto que a causa e que lhe impõe percorrer os tempos necessários para seu remate. Para Moraes (1999), o alvo ou a meta da pulsão é a satisfação, “a possibilidade de o aparelho psíquico levar a tensão a um nível baixo através de uma descarga, a qual só pode se fazer por uma alteração apropriada na fonte interna e que necessita do outro” (p. 58). O indício de desprazer move o eu em direção a uma injunção de resistências e impede a liberação do desprazer, oferecendo ao eu novos rearranjos. Tais rearranjos, causados pela inibição da livre circulação da energia, esboçam o nascimento do eu, através da clivagem entre o eu-prazer e o mundo exterior. Nessa perspectiva, é possível considerar o eu como resultado de uma série de “traços” do objeto os quais se inscrevem inconscientemente.

Nesse contexto, delineia-se a “coisa freudiana”, *das Ding*, o indizível, como aquilo que compõe a lei, especialmente vinculada ao estado de desejo em que o objeto desejado conserva-se à distância do sujeito, acarretando um intervalo, uma hiância, no cerne do desejo. Esse desejo é o investimento feito para se recuperar a perda da primeira experiência de satisfação. Assim, com o intuito de reproduzir a primeira experiência de satisfação, são reinvestidas, no aparelho neuronal, as marcas da imagem do objeto que permanecem gravados na memória e não a imagem real do objeto de satisfação.

Nesse caso, o essencial naquilo que se repete como memória não é propriamente a identidade, mas sim a diferença operada entre os traços. Freud situa a repetição em relação à diferença de quantidade entre o prazer da satisfação exigida e a satisfação efetivamente alcançada – razão pela qual o sujeito nunca está realmente satisfeito. Trata-se, portanto, de um sujeito incompleto,

que fala e não sabe o que diz, pois há algo não sabido que se tece nas e pelas palavras; isso mostra que o *eu* é o lugar do ocultamento e está vinculado ao desejo¹³, este, por sua vez, articulado a uma falta constitutiva que não pode ser preenchida por nenhum objeto.¹⁴

Essa falta constitutiva não é um fenômeno transcendental, mas um efeito da linguagem mensageira das balizas do afastamento do eu em relação às coisas. Portanto, “o desejo é uma relação de ser com falta. Essa falta é falta de ser, propriamente falando. Não é falta disto ou daquilo, porém falta de ser através do que o ser existe” (LACAN, 1954-1955/2010, p.302). Nessa perspectiva, o desejo vai se sustentar nos significantes, nas palavras, buscando localizar nelas o objeto perdido que “como significante dá a razão do desejo” (1958/1998, p. 700).

A respeito dessa premissa, Longo (2006) salienta que a suposição do sujeito, o estabelecimento da demanda, a relação ausência e presença promovem o deslizamento dos significantes em ininterrupto deslocamento e regulam o processo de estruturação do sujeito inconsciente: “aquele que fala não é aquele que pensa; é o sujeito que deseja, pois o desejo é inseparável do pensamento inconsciente. O desejo que nunca se satisfaz é o de fazer sentido – um desejo impossível” (p.60).

Cabe salientar que algumas das noções do *Projeto* (1895/1996) aqui mencionadas foram efetivamente discutidas por Freud na *Carta 52* (1896a/1996) endereçada a Fliess.¹⁵ Enquanto no *Projeto* Freud preocupou-se em descrever o funcionamento do aparelho neuronal, na *Carta 52* o autor apresenta a composição e o modo de

¹³ Como afirma Lacan no *seminário livro 11:os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1985) “[...] é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito” (p.207).

¹⁴ Lacan (1960b/1998) designou esse objeto causa de desejo como objeto *a*.

¹⁵ Freud se correspondeu com Fliess, um médico que residia em Berlin, no período de 1887-1904. Essa correspondência foi publicada em 1950, depois de sua morte e nela podem ser identificados os conceitos freudianos no momento de sua gênese, assim como registros da análise de seus pacientes.

funcionamento desse aparelho a partir das inscrições, ou melhor, dos traços mnêmicos. À medida que os estudos de Freud se aprofundam acerca da construção do aparelho psíquico, mais complexas vão se tornando suas elaborações. Com efeito, o autor idealiza o aparelho psíquico como aparelho de linguagem e de memória, sendo ele responsável pela trama de registros mnêmicos. A elaboração de uma concepção de memória principia a categorização do psiquismo tal como é proposta em *A interpretação dos sonhos* (1900). Essa categorização será apresentada no capítulo três deste livro.

Na *Carta 52* (1896a/1996), Freud apresenta a *Fliess* a composição e a dinâmica do aparelho de memória numa simultaneidade de inscrições [Niederschriften], para a apreensão do modo de funcionamento do aparelho psíquico. Esse é o princípio de uma teoria cuja noção de percepção é o cerne das articulações referentes à complexa inter-relação entre percepção, inscrição mnêmica, consciência e inconsciente. A par dessa compreensão de funcionamento do aparelho de memória, é possível perceber que o traço mnêmico, apresentado no *Projeto* adquire, sobretudo na *Carta 52*, estatuto de escrita.

Para a construção dessa teoria, Freud esquematiza a constituição do aparelho psíquico, colocando em sentidos opostos a percepção (W) e a consciência (Bw). Essa relação de oposição se justifica porque a consciência, segundo Freud, só existe após a junção dos registros perceptivos à representação-palavra do pré-consciente. Nessa perspectiva, a qualidade consciente da percepção está sujeita às retranscrições mnêmicas, por isso tais registros passam por sucessivas elaborações dispostas pelo sistema de memória.

Embora esquematicamente não articuladas, paradoxalmente, consciência e percepção estão conectadas. Desse modo, a consciência pode ser concebida como um órgão sensorial responsável pela percepção de qualidades psíquicas. O sistema perceptivo, além do acesso a quantidades de estímulo próprias do aparelho psíquico, compreende a percepção à luz do conceito de

estimulação e de relação causal. Assim, não é a percepção que define o objeto com o qual a palavra poderá sustentar uma relação de associação para adquirir sentido, pois o significado do objeto se encontra articulação entre as associações do objeto e da palavra, numa relação com o Outro, estabelecida na e pela linguagem e não da coisa externa.

Na base dessa teoria, é possível depreender que a associação do objeto permanece como traço mnêmico inconsciente quando não se une a uma representação-palavra. Esse acontecimento, todavia, pode regressar sobre as representações-palavra e gerar efeitos particulares na fala. Nesse caso, como a significação é causada pelas associações de objeto e não pelo objeto, a palavra atua como a possibilidade da passagem, no pré-consciente, dos movimentos do inconsciente. Isso acontece porque no pré-consciente se articulam as representações-palavra e as representações-objeto. Parafraseando, Freud (1915/1996) pode-se dizer que esse sistema surge como uma representação da coisa recoberta pela vinculação com as representações de palavras que lhe são correspondentes. Assim sendo, a articulação entre a função de representar e a maneira dinâmica de associar do aparelho de linguagem/memória faz seu funcionamento ir além de sua função. Sob esse prisma, a partir da consideração freudiana de que a memória é essencialmente inconsciente, falhas na memória, esquecimentos e lapsos na fala não são compreendidos como defeitos do aparelho psíquico, e sim implicações/efeitos desse modo de funcionamento que não se limita a um centro, a uma intencionalidade, a uma configuração.

Nesse âmbito, os restos de linguagem do sujeito, ainda que se apresentem como estranhos, não são indícios de aniquilamento do referido aparelho; são, na verdade, formas autênticas de funcionamento submetidas a leis de outra ordem. Mediante a experiência clínica com os histéricos, Freud reconhece que algo escapa ao sujeito e extrapola a consciência. Assim sendo, na fala do histérico “há, portanto, um saber separado da consciência” (Moraes, 1999, p.37) que não se associa à lógica da realidade,

capaz de validar a ideia de existência de uma memória unicamente consciente. A memória, nesses termos, é autônoma em relação aos feitos da consciência. A ela confere-se o predicado de uma não-recuperação pontual.

Desse modo, o traço da memória não se constitui de uma presença recuperável, mas de uma diferença de inscrição em vários registros. Com essa descoberta, Freud mostra que a existência da memória necessita de uma não recuperação, um apagamento das marcas perceptivas. Portanto, sendo consciência e memória excludentes, a percepção não detém estruturas, algo já arranjado, mas marcas primordiais que serão ou não sistematizadas futuramente. Para Moraes (2001)¹⁶, o aparelho de memória concebido como um sistema de escrita apresenta os efeitos ou a impressão [*Eindruck*] do mundo exterior, assinalados pela reescrita/reescritura [*Umschrift*] do signo / sinal / marca / indício [*Zeichen*], os quais se transformam em traço de memória [*Erinnerungsspur*]. Ao que parece, na *Carta 52* (1896/1996), as noções de signo, traço e impressão caracterizam-se como registros próprios da escrita.

Nessa perspectiva, a memória é causada mediante um processo de estratificação contínuo. Segundo Freud, esse processo funda camadas que são produzidas por fases, instituindo a organização da memória em subsistemas. Se por um lado a diversidade da memória é conservada pelo registro em diversos signos, por outro as diferentes transcrições da memória estão vinculadas tanto aos seus respectivos neurônios – não essencialmente numa relação tópica – quanto ao complexo associativo ao qual a memória constantemente se submete.

Ao investir na concepção do aparelho psíquico como sistema de inscrições psíquicas, portanto, traços mnêmicos,¹⁷ Freud trata o funcionamento da memória como “uma vasta gama inscrições”

¹⁶ MORAES, *Letra e escrita na metapsicologia freudiana*, 2001, texto inédito.

¹⁷ No decorrer de sua obra, Freud faz uso da expressão “traço mnêmico” para designar o modo como os estímulos se engendram na memória.

(MOTA, 1995, p.117), cujos registros nunca se apagam, mas vão sendo “reestruturados segundo novas configurações” (p. 118). Assim, na concepção freudiana o funcionamento da memória se dá conforme um processo de estratificação em que “o material presente em forma de traços da memória, estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*” (FREUD, 1896a /1996, p. 281 – grifos do autor). A esse respeito, Moraes (1999) ressalta que a insistência de Freud em caracterizar o material dos traços de memória como rearranjos tem o objetivo de instituir o inconsciente como sistema de memória, alicerçado na dimensão escrita. A teoria da memória de Freud, de acordo com a leitura lacaniana

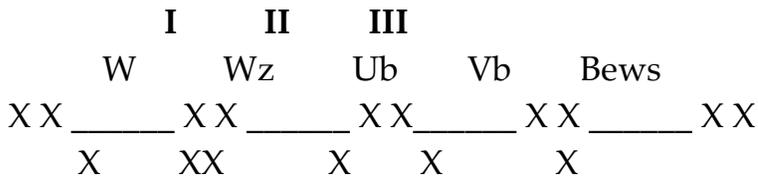
[...] gira em torno das sucessões das *Niederschriften*, das inscrições. A exigência fundamental de todo esse sistema consiste em ordenar numa concepção coerente do aparelho psíquico os campos diversos do que ele vê efetivamente funcionar nos traços mnêmicos. (LACAN, 1959-1960/1997, p. 66)

Nesse caso, o processo de estratificação que corresponde aos traços mnêmicos é reordenado conforme os novos nexos. Tal processo indica que os arranjos pelos quais os traços mnêmicos¹⁸ estão subordinados não são extintos, uma vez que a cada novo arranjo advêm outros os quais são gravados, fundando, desse modo, o processo de estratificação. Assim, os traços mnêmicos, principalmente pela simultaneidade de inscrições, correspondem a inscrições dos signos de percepção no inconsciente. Para Freud, na medida em que se institui uma memória (de traços inconscientes), estabelece-se de certo modo a própria estrutura do aparelho, suas balizas, suas partes fundantes e seus princípios de funcionamento.

¹⁸ Conforme expõe MOTA (1995, p.113) o termo traço mnêmico não designa elementos relativos à memória na sua relação com a consciência – a memória da psicologia – mas uma “marca” uma “intensidade” pela qual a impressão mantém seus efeitos.

Com a passagem das fases consecutivas da vida há a chance de a contingência dos “reordenamentos e reescrituras dos traços mnêmicos” (MORAES,1999, p.32) ocorrerem como uma tradução, isto é, como uma reescritura do material psíquico. Nesse caso, a reorganização dos traços mnêmicos e o assentamento dos rearranjos replicam a própria formação do aparelho psíquico, de maneira que o mecanismo psíquico pode ser compreendido enquanto efeito dos múltiplos rearranjos aos quais os traços mnêmicos permanecem submetidos. Desse modo, é possível compreender que a memória, na concepção freudiana, é pré-requisito para a constituição do aparelho psíquico e não um atributo deste. Na verdade, Freud concebe como memória o modo pelo qual as primeiras inscrições são articuladas no aparelho psíquico.

Nessa perspectiva, a organização dos neurônios se dá a partir de no mínimo três registros: a percepção, a pré-consciência e a inconsciência, representados no esquema abaixo:



W [Wahrnehmungen (percepções)] são os neurônios onde se originam as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, em si mesmas, não retêm nenhum traço do que aconteceu. E isso porque **a consciência e a memória são mutuamente exclusivas**. **Wz [Wahrnehmungszeichen (signos de percepção)]** é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com associações por simultaneidade. **Ub [Unbewusstsein (inconsciência)]** é o segundo tipo de registro, disposto de acordo com outras relações, talvez causais. Os traços do Ub talvez correspondam a lembranças conceituais; é igualmente

inacessível à consciência. **Vb [Vorbewusstsein (pré-consciência)]** é o terceiro registro, ligado a representação-palavra e corresponde a nosso ego oficial. As categorias correspondentes de Vb tornam-se conscientes de acordo com certas regras; e essa **consciência secundária do pensamento**, se dá, no tempo, **a posteriori** e provavelmente está ligada à ativação alucinatória das representações-palavra, de modo que os neurônios da consciência sejam também neurônios perceptivos e desprovidos de memória em si mesmos. (FREUD, 1896b/1986, p.208 – grifos do autor)

Conforme os pressupostos freudianos supracitados, cada registro possui característica própria. O primeiro registro, correspondente ao material psíquico, desenvolve-se apenas com os signos de percepção Wz [*Wahrnehmungszeichen*] os quais não mantêm contato com a consciência e se põem em movimento numa associação de simultaneidade [*Gleichzeitigkeitsassoziation*]. Trata-se, portanto, da primeira inscrição mnêmica das percepções. Essa primeira inscrição possibilita que outros traços se inscrevam na memória, principiando a ordem do inconsciente.

De acordo com Lacan (1959-1960/1997), os sinais de percepção operam como significantes e se promulgam na alternância por uma sincronia vital. Nesse sentido, os sinais como presença/ausência, tensão/apaziguamento atuam como significantes oriundos da imergência na resolução simbólica. O conteúdo do aparelho psíquico são signos [*Zeichen*], subordinados às inscrições e transcrições. A memória, assim compreendida, é formada pelas diferenças entre as facilitações [*Bahnungen*].

Para Lacan (1957/1958/1999), com a simultaneidade, diferentes significantes são proporcionados ao sujeito, num jogo de presença e ausência, denominado por Freud de *fort-da*. Segundo Lacan, o jogo do *fort-da* é resultado da observação de Freud do comportamento de seu neto, uma criança de um ano e meio. Nos momentos de ausência da mãe, a criança não chora, porque se distrai brincando de atirar e puxar de volta um carretel de madeira, preso por um fio na borda de seu berço. No jogo de ausência e presença do objeto, a criança emite dois sons distintos: “o-o-o-ó” para o desaparecimento do objeto e

“da” para o aparecimento do mesmo. Esses sons foram identificados por Freud como *Fort* (o-o-o-o), significando longe, fora, e *da* (aqui), num gesto de interesse e satisfação pelo retorno do objeto. Conforme compreensão lacaniana (1957/1958/1999), o *Fort* é correlato do *Da*. A condição do *Fort* manter-se presente na alternância é a própria relação de simultaneidade estabelecida com *Da*.

Freud interpretou esse jogo como a “grande realização cultural” da criança, ou seja, uma forma de suportar a saída da mãe sem se opor a isso, sem renunciar à satisfação da sua pulsão. Segundo o autor, a repetição constante do movimento do objeto faz a criança encenar ativamente o desaparecimento e o retorno da mãe. Partindo dessa observação, Freud indica que a compulsão à repetição, operada nesse caso, estaria submissa a um processo de controle fantasístico da cena desagradável promovida pela saída da mãe, encobertando, assim, a angústia. Segundo Freud:

Quando a criança passa da passividade da experiência para a atividade do jogo, transfere a experiência desagradável para um de seus companheiros de brincadeira e, dessa maneira, vinga-se num substituto. [...] Isso constitui prova convincente de que, mesmo sob a dominância do princípio de prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado na mente. (FREUD, 1920/1996, p.28)

Conforme o pensamento freudiano, o que está em questão no jogo é a possibilidade de brincar repetidamente com a representação para superar a dor do prejuízo que se funda com a ausência da mãe. É a tentativa de “reexperiência de algo idêntico” (FREUD, 1920/1996, p. 46) num jogo de passagem da passividade à atividade como uma fonte de prazer, apesar das experiências desagradáveis.

Lacan, baseado na Linguística de Ferdinand de Saussure, compreende (1957-1958/1999) o objeto carretel análogo à figura da mãe, e a brincadeira demonstra que a criança passou da condição passiva, assujeitada, para uma posição imperativa, ativa num

processo de substituição significante¹⁹ o *fort-da*. De acordo com a compreensão lacaniana, o carretel situa-se no plano da linguagem, sendo, portanto, um objeto de função simbólica, que é transformado em signo. Com o procedimento da substituição, o acesso ao simbólico leva a criança à posição de sujeito, capaz de realizar a conexão entre a representação e o significante. Nota-se que esse jogo caracteriza a entrada da criança na linguagem pela utilização do par de significante *fort-da*: presença–ausência (perda).

Nesse contexto, percepção e memória se configuram como dois apontamentos distintos, pois a percepção não carrega nenhum traço das experiências vivenciadas. Lacan, a partir dos pressupostos freudianos, acredita que a estimulação externa se torna consciente após cruzar todos os registros da memória. Essa transação permite o regresso da percepção a sua posição primária, mediante a passagem da excitação e, com isso, acolhe novos estímulos, restando à consciência uma gama de reorganizações da excitação externa. Observa-se, portanto, que onde há signo de percepção não se encontra mais a percepção em si, mas sim a percepção de um resto, de algo advindo da percepção e que se escreve no aparelho psíquico. O estímulo sempre transpõe a percepção em busca do próximo registro, Wz (*Wahrnehmungszeichen* – signo de percepção).

Nas palavras de Moraes (2001)

Em **W** (percepção), o percebido pode ser evitado. Se evitado, não deixa marca. Se deixar marca, esta é **Wz** (sinal de percepção). Este

¹⁹ Analogamente à teoria do signo linguístico, Lacan, em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, (1957/1998) desenvolve a máxima do inconsciente estruturado como uma linguagem. A partir da experiência com as formações do inconsciente (sonhos, lapsos, chistes, atos falhos, etc.), o psicanalista ressignifica o aparato teórico de Saussure, expondo que a linguagem não é composta pelos signos, mas sim pelos significantes. Desse modo, enquanto que para Saussure o signo linguístico é arbitrário, para Lacan é contingencial, isto é, marcado pela incidência daquilo que afeta, causa o sujeito. Nesse sentido, para Lacan, o significante não depende, em momento algum, de um referente, pois ele opera como elemento de diferença, produtor de novos sentidos.

sinal de percepção subsiste sob duas faces: a face de **percebido real**, *Wahrnehmung* e a **face simbólica de signo**, *Zeichen*. Mesmo tendo passado a significante, o signo de percepção permanece sempre associado à sua face de real sonoro, visual ou motor; é o que lastreia o significante. Este primeiro modo de escrita representa um estado primordial, o lugar eleito para aquilo que Lacan chama de forclusão, a *Verwerfung* de Freud: o que não entra na possibilidade de significação reaparece como sinal de percepção, ou o que é recusado pelo Simbólico reaparece no Real. (p.04 e 05, inédito – grifos da autora)

Na esteira dessa observação, Moraes afirma também que esses sinais de percepção preservam a possibilidade de serem ou não representados em imagens ou traduzidos em palavras, alcançando um sentido ou permanecendo como percepções. Para Lacan (1959-1960/1997), o mecanismo de defesa próprio ao primeiro registro de memória é o processo de elisão, “as coisas são vermeidet, elididas” (p.83), isto é, a percepção de determinado objeto pode cessar, não entrar no campo simbólico, por causa dos sinais responsáveis pela representação.

Para Freud, na *Carta 52* (1896a/1996), o segundo registro se refere à inconsciência [*Unbewusstsein*] e se organiza conforme relações de causalidade, sendo o efeito e a transcrição do primeiro registro, signos de percepção – Wz [*Wahrnehmungszeichen*]. A inconsciência, nesse caso, é validada pelo autor não como o oposto da consciência, mas como o campo da transcrição das “coisas das palavras” (MORAES, 2001, inédito). É esse o lugar do segundo modo de escrita das lembranças conceituais, em que a coisa não pode ser delineada, representada, e sim instituída por meio das diferenças dos trajetos associativos. A partir daí, segundo Moraes, a coisa permanece no plano da inscrição apenas como uma indicação de percepção, uma lacuna, um vazio. Transcrita para o segundo registro, a coisa contrai significação. Já nesse momento de sua elaboração, pressupõe que este é o lugar da inconsciência.

Nesse segundo tempo há a incidência da inscrição dos signos de percepção (impressões) como traços mnêmicos inacessíveis à

consciência, dispostos conforme uma lógica causal. A esse respeito, Lacan (1964/1985) afirma que “Freud indica bem que, para nós, ao nível da última camada do inconsciente [...] não poderia haver milagre. Isso, diz ele, tem que ter relações com a causalidade” (p.49, grifos do autor), isto é, no núcleo do inconsciente encontra-se uma hiância causal. Os dois primeiros registros asseguram a estratificação da memória, e a não apreensão de ordem consciente do sujeito por si mesmo. Nesse caso, algo do sistema de percepção é elidido, uma vez que “grande parte da formação da imagem mnêmica nas associações de representações é separada da consciência” (MORAES, 1999, p.27). Isso indica que há na estrutura do aparelho psíquico a precedência de inscrições anteriores à consciência.

É a partir do traço deixado pelo objeto primordial que o sujeito elabora suas representações – *Vorstellungen* – e acede às propriedades dos signos de percepção inscritos na memória. Apenas o rearranjo permitirá a passagem de uma inscrição para uma representação. Na visão analítica, a inscrição dos traços mnêmicos não é a reprodução de um estímulo externo; é, pois, a matéria-prima da memória no aparato psíquico, base das primeiras investigações freudianas acerca do fenômeno do inconsciente. Nas palavras de Moraes (2001)

[...] o inconsciente, como sistema, corresponde já a uma segunda escrita (uma reescritção) que faz fazer sentido a primeira. Freud indica que essa reescritção é o lugar em que se estabelecem as pré-relações entre o **processo primário** e o que dele será utilizado no nível do terceiro modo de escrita, o do pré-consciente e isto tem que ter relações com a **causalidade**.(p.05, Inédito - grifos da autora)

Na teoria freudiana, exposta na *Carta 52*, o terceiro registro do aparato psíquico é o da pré-consciência [*Vorbewusstsein*]. Nele se articulam as representações-objeto e representações-palavra. Segundo Freud (1896a/1996), o pré-consciente está relacionado “à

ativação alucinatória das representações verbais” (p.283), e os movimentos do inconsciente, regidos pelo princípio do prazer, atingem a consciência na medida em que são pronunciados, isto é, traduzidos pelas palavras para o princípio de realidade. O pré-consciente corresponde, portanto, à transformação da pura alucinação vinculada ao princípio do prazer em identidade de pensamento, governado pelo princípio de realidade.

Para o psicanalista, esse terceiro modo de inscrição faz com que os investimentos psíquicos se tornem conscientes, e a concretização desse processo depende da passagem de um determinado investimento pelas associações verbais. Tais associações remetem o processo de pensamento para o campo dos processos perceptivos, atribuindo-lhes sentido de realidade e efetivando sua lembrança. Assim, a consciência da realidade apenas é aplicada a determinados episódios via passagem pelo encadeamento associativo operado na memória.

Moraes (1994) destaca que a “consciência tem origem em um saber já presente quanto ao que é percebido, isto é, inconsciente”. Nesse sentido, “não basta perceber para se estar consciente”, pois na psicanálise “a percepção e a consciência não se confundem” (p. 09, inédito). Freudianamente, a pré-consciência é considerada a segunda consciência do pensamento e está atrelada à experiência alucinatória das representações verbais.

A composição do aparelho de memória se dá pelas constantes e consecutivas reescrituras [*Umschriften*] das inscrições [*Niederschriften*] que ocorrem como uma tradução do material psíquico. Registros sucessivos, em díspares períodos do desenvolvimento pessoal do sujeito, vão sendo escritos e retranscritos. Nesse encadeamento, cada transcrição inibe a antecedente e cada registro conserva a sua contemporaneidade na memória. Segundo Freud, esses registros contínuos simbolizam a realização psíquica de períodos sucessivos da vida, de modo que

na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma tradução do material psíquico. Explico as peculiaridades das psiconeuroses com a suposição

de que essa tradução não se fez no caso de uma determinada parte do material, o que provoca determinadas conseqüências. Pois sustento firmemente a crença numa tendência ao ajustamento quantitativo. Cada transcrição subseqüente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Quando falta uma transcrição subseqüente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas nessa época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada região ainda vigoram os “*fueros*”, estamos em presença de “sobrevivências”. Uma falha na tradução – isto é o que se conhece clinicamente como “recalcamento”. (FREUD, 1896/1996, p.283)

A inibição vista dessa maneira não é unívoca. Não é uma oposição, uma proibição cronológica de fatos, elementos e descobertas. Considerá-la desse modo pressupõe a anterioridade cronológica como uma imposição lógica. No processo de reflexão sobre os meios de tradução psíquica, o termo inibição é empregado com a conotação específica de um modo de defesa contrário às tendências intensamente investidas via libido sexual. A inibição é tomada, portanto, como um mecanismo de controle e domínio de fontes de desprazer cuja atuação provoca risco a determinada frequência do funcionamento psíquico.

O uso do termo tradução [*Übersetzung*] é trabalhado por Freud, na *Carta 52*, para balizar as fases das experiências do sujeito, caracterizadas pela pluralidade das inscrições mnésicas na medida em que elas são ou não traduzidas. A referência feita por Freud às etapas da vida do sujeito não mantém relação com a concepção de evolução, do ponto de vista genético, mas sim com a articulação de passagens no psiquismo. Para Freud, essas passagens, de modo particular, possibilitam que o conteúdo psíquico trabalhe conforme normas peculiares. Nesse processo, o material inconsciente apenas se faz conhecer por meio da tradução.

Segundo Freud (1896a/1996), a tradução do material psíquico é realizada na passagem de uma época da vida a outra produzindo assim o desprazer. A liberação de desprazer causa o recalcamento, e a dispensa de prazer não inibido pode desencadear uma forma de

compulsão. Assim, no recalçamento a tradução do pensamento inconsciente é perturbada, mas a rede associativa tem continuidade. Desse modo, no processo de tradução as retranscrições não traduzidas constituirão o recalçado. Para Freud, o pensamento recalçado insiste em se inscrever, retorna à consciência e produz novas associações, reorientadas em outra cadeia de ideias, havendo, portanto, sempre um retorno do recalçado. Nesse caso, algo de modo dissimulado retorna sempre em outra cadeia de forma dialética e não linear.

coexistência dos múltiplos registros de memória com modos de organização particulares coloca em evidência um anacronismo próprio ao psiquismo. Nesse sentido, o modo de organização de uma determinada instância da memória mostra-se capaz de realizar uma defesa normal diante do desprazer. No entanto, a falha na tradução desse material implica o processo de recalçamento caracterizado como uma forma de defesa que institui o inconsciente e ao mesmo tempo serve de base para a constituição de outros processos de defesa. Para Freud, o material não-traduzido de uma determinada época pode permanecer em atividade, contribuindo causalmente para a aparição dos sintomas psiconeuróticos. Isso, quer dizer que pois, há uma sequência de traduções dos traços mnêmicos que permite um rearranjo periódico do material psíquico. Os efeitos da falha de tradução, os restos/resíduos desse processo constituem as inscrições inconscientes no padrão tradutivo do recalçamento. Desse modo, o traço inconsciente não equivale a uma representação registrada, mas a uma espécie de resíduo dos atos de memorização.

Nessa perspectiva, o aparelho psíquico é um aparelho de memória e de linguagem constituído pela existência de traços mnêmicos, os quais adotam a função de memória e de elemento articulador de associações. Nesses termos, a memória é concebida como um texto escrito a ser decodificado; é, portanto, uma elaboração feita a partir de algo que escapa à consciência. Essa elaboração, numa relação *a posteriori*, faz alusão à presença de um limite no psiquismo

que pode ser interpretado como uma lacuna referente aos aspectos impossíveis de serem traduzidos em representações.

Conforme salienta Freud (1896a/1996), a lembrança traumática opera de forma retroativa, *a posteriori*, e “exibe um poder que esteve totalmente ausente do próprio evento. A lembrança atua como se ele fosse um evento contemporâneo. O que acontece é, por assim dizer, a ação póstuma de um trauma sexual” (p.152 – grifos do autor). Nota-se que a partir das situações vivenciadas no cotidiano da clínica, Freud reconhece que essa relação não se faz de modo absolutamente unidimensional, visto que nesse caso aspectos são adicionados ou extraídos dos fatos, durante o ato de recordar. Temos assim a estruturação de um tempo de elaboração psíquica que não representa com total fidelidade o fato ocorrido, mas reveste-lhe de detalhes subjetivos em razão da criação de um intervalo entre certo evento de conotação sexual e os aparecimentos do sintoma vinculado à lembrança de tempos ulteriores.

No texto *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar* (1893b/1996), Freud e Breuer, a partir da observação clínica de pacientes histéricos, expõem o sintoma como efeito de um processo mental passado, decorrente de uma “causa precipitante”, identificada por meio do tratamento hipnótico do paciente. Segundo os autores, os eventos relatados pelos pacientes não correspondiam às cenas realmente vivenciadas por eles, mas apenas às *lembranças* de uma cena, interpretada posteriormente pelo sujeito.

Na *Carta 52*, Freud (1896a/1996) evidencia que o sistema representacional assinala uma flexibilidade e uma motilidade da memória, pois admite a modificação, variação e deformação de seus conteúdos, de modo que a memória possibilite sua atualização, sejam eles reais ou fantasiados. Para Lacan (1959-1960 /1997), a noção de *a posteriori* [*nachträglich*], utilizada por Freud, faz referência a um trabalho discursivo de elaboração, oriundo da articulação entre algo do tempo presente com o conteúdo mnêmico. Freudianamente, após o trauma incide um rearranjo,

um efeito de tempo por meio do qual os eventos traumáticos contraem significação para o sujeito, distorcendo o vivido e se desdobrando num evento da realidade psíquica. Quanto a isso, Laplanche e Pontalis afirmam que não se trata de

[...] nada mais do que da realidade de nossos pensamentos, do nosso mundo pessoal, realidade que equivale à realidade do mundo material e cuja eficácia, no tocante aos fenômenos neuróticos, é determinante. Se está em causa opor à “realidade material”, ou a “realidade do pensamento” à “realidade exterior”, isso equivale a dizer: nos movemos no imaginário, no subjetivo, mas esse subjetivo é o nosso objeto.(1988, p.20 e 21).

Os estudos de Laplanche e Pontalis (1988), a respeito da realidade psíquica, vêm ao encontro da assertiva de Freud quanto à alteridade do sintoma histérico, compreendido na perspectiva da diferença simbólica. Essa alteridade é marcada pela fantasia, capaz de exprimir os desejos não conscientes do sujeito, os quais nem sempre mantêm uma relação lógica com a realidade externa concreta. A realidade psíquica se distingue, se circunscreve, desdobra e ao mesmo tempo desvela sua gênese. Nesse processo, as lembranças só podem entrar na consciência se forem modificadas, pois a falha de tradução do material psíquico, apresentada no formato de traços mnésicos, é constitutiva do recalçamento. A neurose caracteriza-se pelo predomínio da realidade psíquica na vida do sujeito.

Ainda segundo compreensão freudiana, “os sintomas de pacientes histéricos baseiam-se em cenas do seu passado que lhes causaram grande impressão, mas foram esquecidas (traumas)” (FREUD, 1914/1996, p.19). Tais cenas podem ter como ponto de origem uma situação de vergonha, dor física, surpresa, medo e angústia. Inicialmente, Freud entende o sintoma como algo que reporta às experiências precoces traumáticas, suscitadas por elementos conflituosos da vida cotidiana do sujeito. Para ele, a formação de um evento traumático acontece em dois tempos distintos, demonstrado

por cenas: cena 01 real ou imaginária – de caráter sexual – e cena 02 associada a uma emoção de natureza sexual na adolescência. A fim de exemplificar como ocorre a formação e o recalçamento de um trauma, Freud, na segunda parte do *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996), retoma o caso Emma.

A paciente durante a análise relata a Freud que não conseguia entrar sozinha em nenhum tipo de ambiente comercial e justifica o motivo da fobia com a recordação de uma cena vivida aos doze anos. Na época, ao entrar em uma loja para fazer compras se depara com dois vendedores olhando para ela e sorrindo entre si. Tal situação provoca extremo desconforto na paciente, que sai em pânico da loja por pensar que seus trajes eram a causa da galhofa. Para Freud, a cena descrita pela paciente corresponde ao primeiro tempo do evento traumático – cena 01.

Na continuação da análise, Emma relata outro fato ocorrido com ela aos oito anos de idade. Quando criança, Emma fora a uma confeitaria comprar guloseimas. Ao vê-la, o dono do estabelecimento foi em direção a ela e com um sorriso mordaz no rosto toca-a nas partes íntimas sobre o vestido. Apesar do ocorrido, Emma retorna apenas mais uma vez ao local, sentindo-se atraída. Tal ato causa na paciente grande remorso, pois para ela o retorno colocou em evidência o desejo de provocar a repetição da cena de assédio sexual.

Conforme a análise freudiana, o acontecimento isolado não teve, no momento da cena 01, significado sexual traumático para Emma, “porque não havia verbo para tal” .Para, Laplanche e Pontalis (1988), na ocasião a criança “não tem à sua disposição nem as condições somáticas da excitação, nem as representações para integrar o evento, de modo que o evento é sexual em si, mas “não possui significação sexual para o sujeito” (p.28) não há, portanto para Freud simbólico que contemple esse real. No entanto, o episódio ocorrido na loja com os rapazes leva Emma a estabelecer uma associação inconsciente com o gesto sexual do dono da confeitaria, fazendo com que a primeira cena ganhasse valor traumático a ponto de causar na paciente a fobia ao entrar na loja.

No esquema proposto pelo psicanalista, os pontos pretos correspondem às representações lembradas conscientemente, e os pontos brancos fazem referência às representações recalçadas. A fobia revelada pelo fato de “não permanecer sozinha na loja, devido ao risco de atentado” (FREUD, 1895/1996, p.408 e 409), e a associação aos elementos riso, proprietário, atentado e vestido demonstram o medo inconsciente de que os rapazes repetissem o gesto sexual da cena 01. Freud ressalta que a fobia é desenvolvida não apenas em uma única cena infantil de sedução sexual, mas também via processo de recalçamento acompanhado de uma formação simbólica inconsciente.

De modo particular, nesse caso

[...] o elemento que penetra na consciência é, provavelmente, o que desperta interesse especial.[...] mas outro, na qualidade de símbolo (as roupas). Se nos perguntarmos qual seria a causa desse processo patológico interpolado, só poderemos indicar uma – a *liberação sexual*, da qual também há provas na consciência. Isso está vinculado à lembrança do atentado; mas é altamente digno de nota o fato de que ela [a liberação sexual] não se vinculou ao atentado quando esse foi cometido. Temos aqui um caso em que uma lembrança desperta um afeto que não pôde suscitar quando ocorreu como experiência, porque, nesse entretempo, as mudanças [trazidas] pela puberdade tornaram possível uma compreensão diferente do que era lembrado. (FREUD, 1895/1996, p.410 – grifos do autor)

Freud considera que o recalque atua, excepcionalmente, sobre as representações ligadas à sexualidade e por sua vez causadoras de sensações de desprazer. Em seus estudos iniciais, ele trabalha com essa assertiva a respeito da teoria de sedução sexual infantil. No entanto, a partir de 1897 tal postura adquire um novo sentido, necessário e estruturante, sobre o qual o psicanalista reformula sua teoria da sedução. Passa a compreender a sedução sexual infantil como personificação de desejos incestuosos das crianças em relação aos progenitores, e não o contrário.

Freud, na carta a Fliess, de 21 de setembro de 1897, demonstra certa descrença em relação a sua elaboração sobre a origem traumática das neuroses, defendida por ele nos cinco anos precedentes. Nessa carta, o psicanalista explica os motivos de não mais acreditar na “*neurotica*” (p.309 – grifo do autor). Segundo Freud (1897/1996), “a ausência de êxitos completos” (p.310) durante o tratamento analítico de suas pacientes possibilitaram-lhe a constatação de que o inconsciente nem sempre é “domado pelo consciente” (p.310) e que nele “não há indicações da realidade” (p.310), pois as histórias relatadas por suas pacientes eram na verdade fantasias inconscientes, e não fatos vivenciados na realidade material.

Observa-se que, por mais que seja interessante o estilo com o qual Freud assinala essa mudança de posição, é possível dizer que ela já estava presente desde suas elaborações acerca da *teoria da sedução* conforme visto no esquema freudiano referente ao caso Emma. Compreende-se, portanto, a teoria do trauma para além dos efeitos de realidade e amplia-se o conceito de lembrança. Para tanto, o psicanalista traz à tona, em 1899, a ideia de “lembrança encobridora”, segundo a qual as recordações do conteúdo manifesto, aparentemente insignificantes, apresentam detalhes, sensações precisas, intensas e alucinatórias. Essas lembranças encobridoras resultam de um processo de deslocamento em que algo de mnêmico (que representa um episódio acontecido) e algo de fantasia (vinculado a um desejo recalcado) são ocultados.

Assim, a noção de lembrança encobridora implica o fato de que, “em geral, não há nenhuma garantia quanto aos dados produzidos por nossa memória” (FREUD, 1899/1996, p.298), isso porque traços de memória que se tornariam conscientes podem ser deslocados pela resistência para outros objetos de menor significação. Por esse motivo, muitas vezes o sujeito relata na clínica uma versão diferente daquilo que realmente aconteceu. Nesse caso, uma cena passada não é em absoluto sinal mnêmico daquilo que ora foi vivenciado; é, pois, uma elaboração desejante que se organiza conforme as expectativas, as aspirações e

fantasias do sujeito. No âmbito dessa discussão, uma lembrança aparentemente irrelevante e recorrente pode não ser uma lembrança, mas sim uma elaboração fantasiosa em que o sintoma traçado pelo inconsciente faz emergir os conteúdos sexuais do sujeito, anteriormente esquecidos e recalçados.

Sob esse prisma, nota-se que a noção *a posteriori* da lembrança articula-se com a ideia freudiana de retranscrição dos traços de memória descritos na *Carta 52* (1896/1996). Após o trauma, incide um rearranjo, um efeito de tempo por meio do qual os eventos traumáticos contraem significação para o sujeito, distorcendo o vivido e se desdobrando num evento da realidade psíquica. Para Lacan (1959-1960/1997), a noção *a posteriori* [*nachträglich*], utilizada por Freud, faz referência a um trabalho discursivo de elaboração, oriundo da articulação entre algo do tempo presente com o conteúdo mnêmico. A singularidade da noção de memória formulada por Freud é evidenciada especialmente pela possibilidade de acesso, na contemporaneidade, ao episódio acontecido em outros períodos.

Em síntese, a memória como registro de ordem fundamentalmente inconsciente configura a originalidade do trabalho de Freud. A teoria freudiana demonstra, em relação à retranscrição dos traços mnêmicos, que o aparelho psíquico é um complexo aparelho de memória. Os traços mnêmicos fazem com que os eventos psíquicos fiquem registrados permanentemente na memória, podendo ser reavivados como resultado do investimento. Esses traços compõem o indicador da alteridade entre os distintos trilhamentos da energia, a primazia de um caminho em detrimento de outro.

[...] pois era vida nascendo. E quem não tivesse força de ter prazer, que antes cobrisse cada nervo com uma película protetora, com uma película de morte para poder tolerar o grande da vida. Essa película podia consistir, em qualquer tipo de silêncio, em várias palavras sem sentido: era o que ela fazia. Pois o prazer não era de se brincar com ele. O prazer era nós.
(Clarice Lispector)

3. A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS: os traços de memória e as leis da linguagem

Freud, desde o livro *A interpretação das Afasias* (1891/1977) demonstra a dificuldade de caracterizar o aparelho psíquico, no entanto não se esquivava dessa empreitada mesmo ciente da complexidade que ela abrange. Assim, ao longo de suas elaborações, elenca conjecturas que colocam em destaque o caráter singular de tal aparelho. Freud (1891/1977) diz literalmente que o aparelho psíquico não se define em termos anatômico-localizacionistas, pois se constitui no campo da linguagem. Nessa perspectiva, o aparelho psíquico é constituído por linguagem, por isso, em decorrência de uma noção singular de memória, o autor compreende que parte das incongruências da fala, até então tomadas como deficiências do referido aparelho, são implicações de sua própria dinâmica funcional.

Nesse sentido, para entender o aparelho psíquico sob a ótica da psicanálise fez-se necessário entender, fundamentalmente, as consequências da hipótese de que “a consciência não nos fornece conhecimentos completos nem fidedignos sobre os processos neuronais, que estes devem ser considerados em sua totalidade, antes de mais nada, como inconscientes” (FREUD, 1895/1996,

p.360). Reconhecer tal premissa implica considerar que a percepção da consciência não alcança os processos mentais inconscientes. Nesse ponto, Freud (1895/1996) alerta que o psiquismo humano tem a função de associar e fazer transposições representativas. Está em destaque, nesse caso, a compreensão de que a memória, longe de ser um mero depósito de impressões conscientes, é um processo associativo marcado por rearranjos de distintos encadeamentos numa relação de simultaneidade e de diferença com as relações de objeto.

Essa caracterização do aparelho psíquico, associada à concepção freudiana de representação, prenuncia que “em nosso aparelho psíquico permanece um traço das percepções que incidem sobre ele. Estes podemos descrever como *traços mnêmicos*, e à função que com ele se relaciona damos o nome de *memória*” (FREUD, 1900/1996, p. 531). Portanto, como propõe Freud, se a memória está diretamente ligada à existência de traços mnêmicos responsáveis pelas associações, o aparelho psíquico, por sua vez, é ordenado via processo contínuo de encadeamento de percepções. Desse modo, a articulação representação-memória se converge numa trama associativa e em algo de primeiramente decomposto, marcado pela diferença.

À luz dos chamados textos: *A interpretação das Afasias* (1891), *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e *Carta 52* (1896), o presente estudo contempla a noção de representação como resultado de psíquico inconsciente na teoria freudiana. A ressignificação do conceito de representação proposta neste trabalho e discutida nos capítulos I e II possibilita o entendimento de que, em linhas gerais, o estatuto do inconsciente no aparelho psíquico não resulta do efeito de uma causalidade físico-psíquica, pois o aparelho psíquico é na realidade um aparelho de linguagem e de memória com funcionamento segundo processos de níveis distintos. Nessa nova forma de abordagem do referido aparelho, o conceito de representação vai além da “projeção” direta do físico e da percepção como impressão sensível. Nela, as funções psíquicas da linguagem originam-se na estruturação de uma memória, inconsciente, cuja

presença se manifesta nas falhas, nas linhas de ruptura e não ao acaso. Nas palavras de Burgarelli, “a metapsicologia não é sem eles”, ou melhor, ela não se sustenta sem a abordagem traçada nos textos produzidos entre 1891 e 1899 a respeito dos primórdios da dinâmica dos processos psíquicos inconscientes.

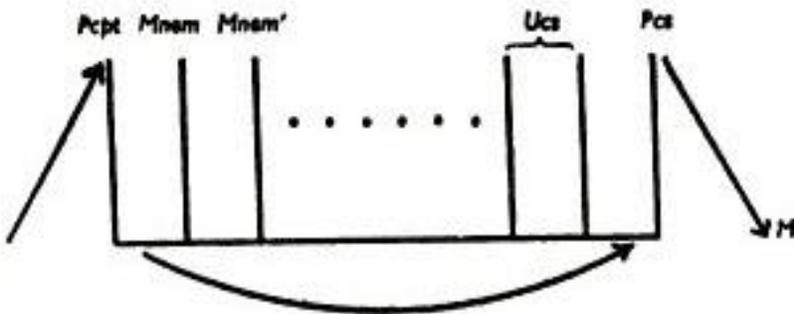
A leitura minuciosa de tais textos é importante nesta etapa do trabalho para o esclarecimento do fato de Freud, desde os textos equivocadamente considerados “pré-psicanalíticos”, principiar as bases do inconsciente, a partir de explicações econômicas, tópicas e dinâmicas. A par dessa abordagem, é proposta uma diferenciação entre o que é da ordem do inconsciente e do consciente como sendo dois campos psíquicos que não mantêm relação com a anatomia, mas sim com regiões do aparelho psíquico.

Assim, após esse trabalho de retomada tentar-se-á explicitar numa articulação com *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996) o modo de funcionamento dos processos inconscientes. Por esse campo investigativo, a leitura dos referidos textos segue numa perspectiva analítica, articulada aos elementos éticos da clínica psicanalítica. A escolha de tais obras se justifica, pois elas trazem argumentos necessários para a compreensão dos motivos que levaram Freud ao distanciamento teórico da ciência neurológica e à diferenciação entre consciência e inconsciente. Essa distinção pode ser acompanhada nos escritos considerados “pré-psicanalíticos”, via análise das progressivas modificações que sofre o conceito de aparelho psíquico na perspectiva analítica. Com foco na ideia de facilitações e resistências,²⁰ e nas as inscrições Wz [signos de percepção], Ub [inconsciência] e Vbw [pré-consciência] presentes no aparato psíquico, Freud, no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (1900/1996, p.567),

²⁰ Tais ideias foram desenvolvidas na primeira parte deste trabalho em conformidade com a obra freudiana *Projeto para uma psicologia científica*. Nesse texto, Freud (1895/1996) ao apresentar um modelo neurológico do funcionamento do aparelho psíquico explica que a excitação, em seu trajeto de um neurônio para outro, tem de superar certa resistência. Para o autor, quando esse trajeto implica a redução constante da resistência, diz-se que há facilitação.

apresenta a elaboração do modelo primário do aparelho psíquico, englobando tanto a função dinâmica quanto a econômica. A fim de esclarecer fundamentalmente como a realidade psíquica do sujeito e a funcionalidade do corpo podem se constituir via representações psíquicas, o psicanalista apresenta nesses termos o esquema do pente, em que a atividade psíquica principia-se com estímulos e finda em inervações.

A figura a seguir representa o aparelho psíquico:



A partir da figura acima, é possível presumir que a concepção topográfica do aparelho psíquico primário se fundamenta no esquema do arco reflexo. Nas palavras de Freud (1900/2006), a analogia do psiquismo com um aparelho de reflexo é possível, pois de acordo com esse modelo “toda atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações” (p.564). Nessa articulação, a atividade psíquica faz o percurso num sentido progressivo-regressivo que vai da extremidade perceptiva até a extremidade motora. Esse movimento acontece dessa forma porque “na extremidade sensorial, encontra-se um sistema que recebe as percepções e na extremidade motora, outro, que abre as comportas da atividade motora” (FREUD, 1900/1996, p.564). Entre uma extremidade e outra se encontram os traços de memória. Assim, Freud formula um modelo de aparelho psíquico – cujos componentes avançam

da extremidade perceptual para a extremidade motora – com dinâmica similar ao dos projetos reflexos tendo em vista a descarga. No entanto, este é apenas seu ponto de partida. Moraes (1999) destaca que

[...] deve à necessidade/exigência da vida [*Not des Lebens*], o impulso para seu desenvolvimento posterior. Aos impactos momentâneos do mundo externo, esse aparelho reage com uma descarga motora, que não vale para as excitações provenientes de uma força constante interna, pois essa necessidade não é eliminada. Essas excitações cessam apenas mediante certas condições que devem ser realizadas, no mundo externo, por uma **ação específica**, já que esse organismo encontra-se submetido às exigências da vida. Dessa maneira, o “sistema nervoso” é obrigado a abandonar sua tendência original à inércia (função primária) e a tolerar um acúmulo, uma reserva de energia suficiente (função secundária) para satisfazer as exigências de uma ação específica. Como nenhuma descarga pode produzir alívio à necessidade, uma vez que o estímulo interno continua a ser recebido pelo sistema de memória como tensão, apresenta-se a urgência de uma intervenção que suspenda a descarga no interior do corpo. (MORAES, 1999, p.46 e 47 – grifo da autora)

Com base na colocação acima, é possível aferir que o modelo arco-reflexo, representante de uma visão mecanicista da medicina da época, paradoxalmente, foi determinante para a apresentação da capacidade que o aparelho psíquico tem de promover a tradução das impressões psíquicas do início da vida, com suas significações. No entanto, compreendendo o aparelho psíquico na sua formação simbólica, torna-se impossível imaginar esse aparelho como “algo que se esgota em si mesmo”, tal como a lógica do arco reflexo. Portanto, apesar de partir do modelo arco-reflexo, Freud (1900/1996) não pressupõe o sistema psíquico segundo uma regularidade estímulo-resposta, ao contrário, prevê que os processos mentais inconscientes não obedecem a um ordenamento cronológico, pois eles são atemporais, isto é, “não

são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera e que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada” (FREUD, 1920/1996, p. 39). A cronologia, por sua vez, só pode se posicionar em função da consciência.

A partir desse pressuposto, no modelo apresentado no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), a localização espacial dos sistemas não está em primeira ordem, e sim a composição topológica do aparelho, ou seja, a disposição dos sistemas e suas relações. Esse aparelho, diferente do proposto no *Projeto* em 1895, não faz menção a neurônios, seus indicativos equivalem a traços, representações, pensamentos, desejos, algo da linguagem, pressupondo uma *lógica temporal* produzida pelas relações entre os processos primário e secundário. Tal relação traz consigo a ideia de haver uma materialidade passível de mudança nas estruturas mentais. A respeito do funcionamento do modelo apresentado em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), Freud diz:

Permanecerei no campo psicológico, e proponho simplesmente seguir a sugestão de visualizarmos o instrumento que executa nossas funções anímicas como semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou a algo desse tipo. Com base nisso, a localização psíquica corresponderá a um ponto no interior do aparelho em que se produz um dos estágios preliminares da imagem (FREUD, 1900/1996, p. 563).

Nessa perspectiva, o modelo psíquico dispensa qualquer referencial anatômico, instituindo a concepção tópica como lugares psíquicos. Assim, o autor apresenta o aparelho psíquico como lugar da operação psíquica e, portanto, composto de sistemas. Essa localidade diz respeito a um ponto na parte interna do aparelho, onde se “produzem as etapas prévias da imagem” (MORAES, 1999, p.41), ou seja, trata-se de um ponto virtual, região onde não se encontra nenhum elemento palpável do aparelho. Nesse sentido, é possível afirmar que os lugares psíquicos correspondem aos vazios entre os sistemas psíquicos, o

que recoloca a questão da localização espacial-material do aparelho psíquico.

Para Freud, a extremidade esquerda do aparelho, atua como receptor das percepções e sem conservá-las favorece a passagem desses estímulos para os traços mnêmicos centrados num segundo sistema, o inconsciente²¹ [*Unbewusst*] - detentor de memória. Todavia, apesar de o sistema perceptivo não ter uma memória constituída, ele, diferente dos rastros mnêmicos, proporciona à consciência vários padrões de qualidade sensoriais. Na concepção freudiana, tais rastros fundam a materialidade do inconsciente e permitem diversas acepções.

Nessa perspectiva, o sistema pré-consciente, “desprovido da capacidade de reter modificações , e, portanto, sem memória”, mantém uma relação estreita com a consciência ao nutri-la de “toda a multiplicidade de qualidades sensórias ” (FREUD, 1900/1996, p.566). O sistema Pcps se situa no extremo motor do aparelho, entre o inconsciente e a consciência, e atua como um elemento de defesa. Essa afirmativa remete à ideia apresentada pelo psicanalista na *Carta 52* (1896a/1996) acerca do fato da memória ficar excluída do enodamento consciência-percepção, e assim designada ao sistema inconsciente. Nesse momento, para o psicanalista a consciência é sensível às percepções do mundo exterior e às modificações do grau de tensão do aparelho psíquico e o inconsciente marcado pela equivocidade, pela ausência de algo ora apagado que a cada movimento de retroação emerge como efeito de significação.

Ao pensar sobre a natureza do aparelho psíquico como resultado da teoria do sistema inconsciente, Freud parte dos trabalhos sobre representação, memória e sintomas histéricos , para propor que o funcionamento do aparelho psíquico é regido por dois processos antagônicos: o primário e o secundário. De um

²¹ Parafrazeando Moraes, (1999) Freud livra o conceito de inconsciente da concepção filosófica do século passado para apresentá-lo como um lugar psíquico, produtor de cortes na racionalidade e não como aquilo que não é consciente.

lado, o processo primário, inconsciente, orientado pelo princípio do prazer, está ligado à satisfação imediata e impede o desprazer. A ação desse princípio volta-se para “a *livre descarga* das quantidades de excitação” (FREUD, 1900/1996, p. 623 – grifo do autor). De outro, diferente do primeiro, o processo secundário, pré-consciente, é governado pelo princípio de realidade. Esse processo consegue por meio das catexias provindas de si mesmo tolher sua descarga e “transformar a catexia numa catexia quiescente, sem dúvida com uma elevação simultânea de seu nível” (FREUD, 1900/1996, p. 623) de modo que é “a partir do processo secundário que se podem perceber os efeitos do processo primário” (MORAES, 1999, p.44) considerando que o processo primário, “não é primário por razões de importância relativa ou eficiência, mas por prioridade lógica” (44). A ideia de livre descarga das excitações no processo primário e de excitação desviada no processo secundário já está presente no *Projeto* (1895). Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996) essa abordagem ganha complexidade por considerar com maior ênfase as relações de prazer e desprazer em sua totalidade.

A diferença que Freud propõe com essa complexificação permite pensar que no processo primário, sem considerar a realidade externa, a quantidade de energia tende a escoar livremente pelo aparelho psíquico e ali circula de forma dispersa, sem ordem. Essa energia passa de uma representação para outra, buscando a descarga de tensão de maneira mais rápida e direta possível, o que caracteriza o princípio do prazer. É importante destacar que esse modo de funcionamento “existe ficcionalmente desde o começo (da vida humana)” (Moraes, 1999, p.43), e é, especialmente evidenciado pelo sonho, que se caracteriza não por uma falta de sentido, como defendia a psicologia clássica, mas por um constante resvalar de efeitos de sentido. Sob esse prisma, pode-se dizer que a principal tendência do processo primário é investir nas representações atreladas às experiências de satisfação (desejo). A experiência mental apresentada por ele é a de concretização do seu conteúdo.

Este processo dirige ações imediatas ou reflexas em busca do total prazer e exerce a função de “conduzir o sujeito de significativo em significante, colocando quantos significantes forem necessários para manter o mais baixo possível o nível de tensão que regula todo o funcionamento do aparelho psíquico” (LACAN, 1959-1960/1997, p. 150). Tomando a leitura lacaniana de Freud sobre o princípio de prazer, pode-se pensar de forma alegórica que esse jogo de forças que constitui o pensamento primário de forma associativa, funcionando por meio de contiguidade, de associações livres e de transferência, implica considerar que os processos primários são o modo de funcionamento do sistema inconsciente.

O processo secundário, princípio de realidade, por sua vez centrado no desprazer, inibe o escoamento de energia mental, acarretando um retardamento da descarga de forças. Essa forma de controle de energia altera a realidade por meio da ação. Isso significa dizer que

no processo secundário o acúmulo de energia depende da oposição de uma resistência à descarga. No *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996) Freud situa essa resistência no contato estabelecido entre os neurônios impermeáveis de ψ (aqueles que recebem as excitações endógenas).

Um dos pontos basilares a serem retomados nessa etapa do trabalho é a noção de *barreiras de contato*²², destacada no capítulo anterior, como efeito da redução do grau de resistências à descarga. Essas resistências atuam como barreiras de contato à descarga e promovem a retenção de energia pelos referidos neurônios. Quer dizer, ao entrar em funcionamento, as barreiras de contato produzem os registros da memória, responsáveis pelos processos de pensamento os quais consistem “na catexia dos neurônios Ψ , acompanhada por uma mudança, promovida pela catexia colateral do ego, naquilo que é imposto pelas facilitações”

²² No *Projeto para uma psicologia científica* (1895 /1996, p.352) Freud explica que o estado das barreiras de contato é descrito como “grau de facilitações”.

(FREUD, 1895/1996, p.386). Em síntese, o processo secundário governa o funcionamento do pré-consciente e do consciente; trata-se de uma linguagem predominantemente verbal regida pelos processos lógicos.

Nesse sentido, Moraes (1999) enfatiza que tendo em vista as elaborações de Freud até 1900 – o esquema do aparelho de linguagem, o aparelho de memória da *Carta 52* (1896a/1996) e, por fim, o aparelho psíquico no capítulo 7 –, é possível notar que prevalece a noção de que a memória é anterior à consciência, isto é, predomina a ideia de que a excitação sensorial que chega ao órgão responsável pela percepção percorre os sistemas de memória e, portanto, é representada antes de se tornar consciente. A nova questão que se introduz, então, é sobre o processo de pensamento ser reforçado pelo investimento entre registros de percepção e a ação da memória.

O processo secundário, tal como é proposto por Freud, a partir de suas reflexões sobre encadeamento das catexias, indica que o pensamento não funciona exclusivamente sob o domínio do princípio do prazer, pois nele há maior anuência com os fatos da realidade, promotores de sensações desagradáveis cuja existência é evidente. Nesse sentido, esse processo procura vias indiretas de satisfação, mediante interposição de experiências ou representações motoras. Essas representações podem ser assimiladas como formações de pensamentos que instituem a possibilidade de uma satisfação. Assim, é somente

no decorrer da vida é que os processos secundários se desdobram e vêm inibir e sobrepor-se aos primários; é possível até que sua completa supremacia só seja atingida no apogeu da vida. Em consequência do aparecimento tardio dos processos secundários, o âmago de nosso ser, que consiste em moções de desejo inconscientes, permanece inacessível à compreensão e à inibição pelo pré-consciente. (FREUD, 1900/1996, p.626 e 627)

A representação desses dois processos é uma forma de instituir uma distinção pontual entre os encadeamentos suscetíveis e os insuscetíveis de consciência. Freud promove essa distinção a fim de destacar que o processo primário torna-se insuscetível de consciência por não incluir entre suas associações as representações-palavra. Esse processo submete-se à inibição, operada pelo pré-consciente, estando assim impedido de alcançar a consciência pela via alucinatoria. O aparelho psíquico, nesse caso, funciona de acordo com o desejo do sujeito, ainda que nem mesmo ele reconheça isso. O processo secundário (Pcps), por sua vez, inclui em suas associações as representações-palavra, sendo, portanto, capaz de se tornar consciente. Esse processo, conforme Freud (1900/1996), *“só pode catexizar uma representação se estiver em condições de inibir o desenvolvimento do desprazer que provenha dela”* (p.624 – grifo do autor). A ideia de impedir o desprazer pressupõe o afastamento de qualquer passagem que possa provocar tal sensação, constituindo a partir dessa lógica o recalque.

Para Lacan (1959-1960/1997), o princípio de realidade é correlato dialético do princípio de prazer de modo que “um não é apenas, como se acredita inicialmente, a aplicação da continuação do outro, cada um é verdadeiramente o correlato polar do outro, sem o qual nem um nem outro teria sentido” (p.95). Essa correspondência entre os princípios promove um novo deslocamento do prazer buscado em outro nível. A par dessa compreensão é possível afirmar que o fator diferencial estabelecido entre os princípios de prazer e de realidade incide, fundamentalmente, na relação que o sujeito mantém com a sua satisfação e no modo de ativação da quantidade de energia que circula no aparelho psíquico. Conforme já mencionado nos capítulos anteriores, a experiência de satisfação promove no sistema mnêmico “uma descarga motora, que elimina o impulso que causou desprazer, um investimento nos neurônios que correspondem à percepção do objeto [...] e notícias da descarga ocorrida pelo efeito da ação específica (a imagem de uma percepção motora)” (Moraes, 1999, p.47). Esses movimentos

distintos causam as facilitações entre diferentes imagens mnêmicas. No *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996), Freud, com a ideia de facilitação, apesar de ainda corresponder à lógica do princípio do prazer, oferece elementos suficientes para se pensar a facilitação como sendo um afeto ligado a traços que possibilitam uma constante redução da resistência e uma economia de energia pelo impedimento de novas sensações. Essa via de movimento psíquico é desejo. Sendo que:

Quando o estado de urgência se repete, a primeira dessas imagens é reativada e produz-se algo semelhante a uma percepção, a alucinação. Isto quer dizer que, originalmente, a mera existência da imagem mnêmica da percepção do objeto constituía uma realidade daquilo que era representado, o que permite ao pensamento poder trazer a representação de alguma coisa; percebida em alucinação. Por outro lado, sem essa experiência da perda do objeto, não há o início da percepção ordenada, porque é a partir da alucinação que o aparelho se identifica com a tendência a reencontrar o objeto, que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano. O aparelho psíquico se constitui, então, na experiência de algo que não se submete ao princípio do prazer, impasse da presença de um vazio que provoca o movimento ordenado. (MORAES, 1999, p.69)

Nessa correlação de energia, o pensamento “não passa de uma via indireta que vai da lembrança de uma satisfação [...] até uma catexia idêntica da mesma lembrança, que se espera atingir mais uma vez por intermédio das experiências motoras” (FREUD, 1900/1996, p.625), ativadas pela tentativa de reviver uma lembrança de satisfação por outras representações que buscam repetir a satisfação experimentada. Assim, como numa ação ensaiada, economicamente vantajosa, ocorrida nas vias inconscientes do aparelho psíquico, o pensamento tenta encontrar a identidade entre a percepção e o desejo.²³

²³ Em *A interpretação dos sonhos*, 1900, Freud descreve o desejo como lembrança de uma satisfação que foi catexizada de forma alucinatória.

Na busca dessa identidade, os traços mnêmicos incidem na tradução do material psíquico, promovendo novos elementos associativos, característicos do processo de pensamento inconsciente. Nesse caso, conforme apresentado em *A interpretação das Afasias* (1891/1977), o aparelho de linguagem/memória escreve e reescreve a atividade psíquica numa “outra cena”, fazendo emergir elementos do inconsciente. A forma como Freud concebe as *afasias* corrobora o entendimento da impossibilidade de uma informação aferente se igualar a uma eferente, pois o material psíquico é reordenado sucessivamente. Dessa formulação resulta o contorno de uma nova concepção sobre a natureza e o modo de operação de um psíquico humano que não se limita à consciência. Assim, Freud ao supor a existência do inconsciente como um saber distinto daquele produzido pela reflexão consciente, subverte a ideia de haver uma correspondência entre o eu e a consciência.

Na concepção freudiana, os atos conscientes apresentam lacunas que só podem ser explicadas mediante aquilo que está latente, temporariamente inconsciente. Assim, o sistema pré-consciente, articulado com o consciente, conforme já mencionado, recebe a denominação de “barreira de contato” no *Projeto* (1895/1996), pois seleciona o que pode ou não passar para o consciente. O aparecimento desse sistema está vinculado à necessidade de regulação do aparelho psíquico de maneira mais apropriada do que a regulação, pela percepção consciente, da liberação de prazer ou desprazer. Para isso, o conteúdo pré-consciente carece estar atrelado a representações verbais, as chamadas qualidades psíquicas facilitadoras da organização do aparelho psíquico. Ademais, o pré-consciente atua como um arquivo de registros, cabendo-lhe exercer a função de refrear as representações de palavra. Em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), fica claro para Freud que os processos excitatórios ocorridos no pré-consciente

[...] podem penetrar na consciência sem maiores empecilhos, desde que certas condições sejam satisfeitas: por exemplo, que eles atinjam certo grau de intensidade, que a função que só se pode descrever como “atenção” esteja distribuída de uma dada maneira, [...] etc. Este é, ao mesmo tempo, o sistema que detém a chave do movimento voluntário. Descreveremos o sistema que está por trás dele como “o inconsciente”, pois este não tem acesso à consciência *senão através do pré-consciente*, ao passar pelo qual seu processo excitatório é obrigatório a submeter-se a modificações. (FREUD, 1900/1996, p.567-568 – grifos do autor)

Embora ciente da necessidade de o processo de formação dos sonhos se relacionar com os pensamentos oníricos oriundos do sistema pré-consciente, Freud situa no sistema inconsciente o impulso para a formação dos sonhos. Nesse processo encontra-se o desejo onírico como a “força propulsora da formação dos sonhos” (FREUD, 1900/1996, p.568). Esse “instigador do sonho se esforçará para por avançar para o *Pcs.* e, a partir daí, ganhar acesso a consciência” (p.568). Assim sendo, a formação do sonho vincula-se a pensamentos oníricos que se encontram no pré-consciente, lugar da representação-palavra, para assim ter acesso à consciência. Nesse sentido, durante a experiência clínica essa via que passa pelo pré-consciente para chegar à consciência

[...] é barrada aos pensamentos oníricos durante o dia através da censura imposta pela resistência. Durante a noite, eles conseguem obter acesso à consciência, mas surge a questão de determinar como o fazem e graças a que modificação. Se o que permite aos pensamentos oníricos conseguir isso fosse o fato de haver durante a noite, uma diminuição da resistência que guarda a fronteira entre o inconsciente e o pré-consciente, teríamos sonhos que seriam da ordem das idéias e não possuiriam o caráter alucinatório em que ora estamos interessados.[...]A única maneira pela qual podemos descrever o que acontece nos sonhos alucinatórios é dizendo que a excitação se move em direção retrocedente. Em vez de se propagar para a extremidade *motora* do aparelho, ela se movimenta no sentido da extremidade *sensorial* e, por fim atinge o sistema

perceptivo. Se descrevemos como “progressiva” a direção tomada pelos processos psíquicos que brotam do inconsciente durante a vida de vigília, poderemos dizer que os sonhos têm um caráter “regressivo”. (FREUD, 1900, 1996, p.568-569 – grifos do autor)

Como propõe Freud, a direção tomada pelos processos psíquicos que emergem do inconsciente no momento de vigília é de ordem progressiva. Durante o sonho esses processos adquirem caráter alucinatório regressivo, dando origem ao conceito de regressão [*Regression*]. Nos sonhos, os pensamentos oníricos [*Traumgedanken*], provenientes do inconsciente, impelem a passagem à consciência e estão sujeitos a uma regressão [*Regression*] ao complexo das percepções. Essa ação regressiva é responsável pela imissão dos traços de memória, derivando disso um fenômeno parecido com a percepção na falta de um estímulo perceptivo correlativo. Segundo Freud, a regressão acontece porque nos sonhos alucinatórios o acesso das excitações à motilidade é bloqueado. Nesse caso, ao invés de as excitações moverem-se à frente em sentido à extremidade motora, elas realizam o percurso inverso, estabelecido pelo esquema de arco-reflexo. Assim sendo, a excitação que parte do inconsciente alcança retroativamente a extremidade perceptiva e não a motora.

No processo de regressão, as relações lógicas entre os pensamentos oníricos estão presentes no sistema pré-consciente. Parafrasando Freud (1900/1996), a estrutura dos pensamentos oníricos é rescindida pela regressão em sua matéria-prima. Desse modo, os pensamentos são privados de qualquer maneira de expressão, exceto por meio de imagens perceptivas [*Wahrnehmungsbilder*]. Nesse caso, a regressão é o retorno de um processo psíquico no sentido oposto. De modo geral, Freud descreve a regressão nos sonhos como percurso invertido, um retorno às marcas das imagens impressas na memória.

O sonho, a via régia do inconsciente, dotado de um sentido enigmático, se constitui como realização mais ou menos velada de desejos inconscientes. Nesse sentido, a cena, isto é, a imagem do

sonho é constituída por um número irrestrito de símbolos linguísticos que, na sua maioria, são ignorados pela pessoa que sonha, sendo carente de análise, de decifração. A esse respeito, no texto *Situação da psicanálise e a formação do analista* (1956b/1998), Lacan salienta que a linguagem dos sonhos, como todo evento psíquico, consiste de um discurso sobredeterminado, composto por enigmas e símbolos em que cada componente tem igual valor, até mesmo aqueles aparentemente insignificantes ou duvidosos. Isso acontece porque nos sonhos as conjunções são puramente lógicas, as palavras são tratadas como coisas e o estatuto do pensamento inconsciente se faz como enigma a ser decifrado. Essa linguagem onírica, não alfabética, se compara aos hieróglifos do antigo Egito, ao rébus, e apresenta múltipla significação de seus elementos. Nesse aspecto, o autor compreende o sonho como um trabalho de escrita, elaborado à revelia do sonhador, governado pelas leis da linguagem.

Nesse caso, a realidade psíquica dos sonhos está submetida à lei própria que ignora as relações racionais de tempo, de espaço, de não-contradição, de causa e efeito. Os processos inconscientes, nesse caso, estão subordinados ao princípio do prazer, e seu destino dependerá de sua intensidade e do preenchimento dos requisitos necessários para a regulação de prazer-desprazer. Assim, no campo do inconsciente, o princípio do prazer orienta-se pela repetição da experiência de satisfação e pela negação, ou seja, pelo impedimento da dor, do sofrimento ou da tensão por parte do sujeito. Essa estrutura de regulação de prazer-desprazer pode ser, de modo especial, verificada nos sonhos, sendo estes regidos pelos processos de condensação e deslocamento, próprios do processo primário. Posto para além da ordem, o sonho, na medida em que busca a realização de desejos e produz uma satisfação alucinatória, via regressão, configura-se como exemplo do modo de funcionamento do aparelho psíquico. No entanto, para Lacan:

[...] a explicação do sonho pela regressão faz com que Freud enverede por contradições fundamentais em todos os planos, e ele

encontra tantas objeções quantas formas dá a esta regressão. É-lhe preciso reencontrar uma espécie de plano perceptivo primitivo, ele fala, pois, de uma regressão tópica, daí a pretensa forma alucinatória que o desejo toma em determinadas condições. Mas o circuito neurônico só pode ir num sentido, a propagação da excitação nunca é retrógrada. (1954-1955/2010, p.183)

De acordo com a concepção lacaniana (1954-1955/2010), Freud não precisava fazer uso da noção de regressão para explicar o caráter alucinatório dos sonhos, pois desde o primeiro esquema sobre o aparelho psíquico, apresentado no capítulo VII de *A interpretação dos Sonhos* (1900), o psicanalista já havia diferenciado o modo funcionamento presente no processo primário e o secundário. Pode-se dizer, portanto, que essa crítica foi levada às últimas consequências por Lacan em sua teorização sobre a constituição do aparelho psíquico. Segundo o autor, Freud, para explicar a qualidade alucinatória da experiência do sonho, teve que “admitir não tanto uma regressão mas antes um sentido regrediente da circulação quantitativa que se expressa pelo processo excitação-descarga” (LACAN, 1954-1955/2010, p.194). Esse movimento de oposição (ao sentido único do funcionamento psíquico) faz as excitações regredirem até o sistema de percepção sensorial do aparelho.

O conteúdo dos sonhos, como bem observa Freud, é uma transcrição dos pensamentos oníricos sendo composto em parte por um conteúdo manifesto, isto é, por aquele que corresponde à parte do sonho que é lembrada (conscientemente), e por um conteúdo latente, inacessível para a consciência do sonhador. O material que compõe o conteúdo enigmático do sonho emana das experiências vividas pelo sujeito. Tais experiências, evidenciadas na memória que se conserva do sonho (narração do sonho), ao mesmo tempo em que ocupam o lugar do único referente do texto psíquico, elaborado no sonho, são também uma espécie de tradução do onírico para o discurso verbal (o alucinado no sonho corresponde a um texto imagético e sensorial – visual/sonoro/tátil

etc. – traduzido para um discurso verbal). Nesse contexto, a representação é compreendida como um fato de memória que pode ser ou não dotado de consciência.

De acordo com os pressupostos de Freud sobre o conteúdo do sonho, a elaboração onírica é a responsável pela deformação dos sonhos. Nesse processo de deformação, os pensamentos latentes são substituídos ou deslocados por um conteúdo aceitável à consciência. É por essa razão que os sonhos, em sua maioria, não são prontamente reconhecidos pelo sonhador como oriundos de suas próprias experiências. Na concepção freudiana, o trabalho de elaboração dos sonhos está submetido aos mecanismos deformadores de deslocamento e condensação. A partir da análise da fala dos pacientes, Freud (1900/1996) percebe que no processo de deslocamento o sonho é submetido à deformação onírica, mediante a substituição e associação de elementos significantes por insignificantes para a realidade psíquica. Esse deslocamento, assim como o próprio inconsciente, é governado pelo processo primário. A condensação, por sua vez, designa o processo pelo qual o conteúdo manifesto do sonho passa a existir como uma versão compendiada dos pensamentos latentes. O resultado dessa atividade “é a obtenção das intensidades necessárias para forçar a irrupção nos sistemas perceptivos” (FREUD, 1900/1996, p. 619).

Na condensação, a deformação acontece por omissão, por fusão e por combinação. Esses três modos podem ser simultâneos ou não. A condensação por omissão oculta elementos do pensamento não aceitos pela consciência, censurados por ela. No caso da condensação por fusão há admissão de distintos conteúdos latentes no único elemento manifesto na cena do sonho, já a condensação por combinação associa os vários elementos do conteúdo latente num único componente do conteúdo manifesto.

Retomando o mecanismo de deslocamento, este, por sua vez, também resulta da censura onírica e opera pela mudança de acento psíquico, desviando a atenção de um elemento importante para outro com menor importância. Opera pela permuta de um

elemento latente por outro mais longínquo que se coloca em relação ao primeiro como algo de ordem alusiva. Em síntese, a importância dada à imagem do sonho muda de lugar, se desloca, conforme determina a realidade psíquica.

Pela via de um deslizamento associativo, o mecanismo de deslocamento transforma elementos ativos do conteúdo latente em detalhes subsidiários do conteúdo manifesto. No trabalho dos sonhos, o mecanismo de deslocamento manifesta-se como

[...] uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade e, por outro, *por meio da sobredeterminação*, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo sonho. Assim sendo, ocorrem *uma transferência e deslocamento de intensidades psíquicas* no processo de formação do sonho, e é como resultado destes que se verifica a diferença entre o texto do conteúdo do sono e o dos pensamentos do sonho. (FREUD, 1900/1996, p.333 – grifos do autor).

Esse processo de deslocamento de intensidade psíquica, oriundo do interior do material onírico, é produto da ação de uma força psíquica que opera tanto na extração de intensidade de elementos com alto valor psíquico, quanto na instituição de novos valores aos elementos com baixo valor psíquico, mantendo dessa forma o equilíbrio entre as forças. Parafraseando Moraes (1999), Freud, mediante os mecanismo de condensação e deslocamento, compreende o lugar da linguagem como aquele “onde as relações se desenrolam segundo um regime de processos primários, de leis ditadas por uma outra lógica”(p.114). Nessa perspectiva, o processo de condensação, em conjunto com o deslocamento é um dos mecanismos que determinam a diferenciação entre o pensamento e o conteúdo dos sonhos. Ao retomar elementos do texto sobre as *Afásias* (1891/1977) no que diz respeito ao encadeamento das representações, observa-se que a linguagem, tanto no sintoma quanto no sonho, comparece como aquilo que permite o acesso ao inconsciente. Conforme Lacan (1975-1976/2007), o sintoma revela que para além do princípio do

prazer, algo resta, de modo que o inconsciente não pode ser governado exclusivamente pela rede simbólica.

É importante salientar que a proposta de organização psíquica proposta por Freud em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996) reconhece o inconsciente como uma instância autônoma cujos conteúdos só podem ser alcançados pela consciência quando submetidos às censuras e transformações impostas pelos sistemas pré-consciente e consciente. Postas para além da ordem, a concepção de inconsciente e suas manifestações adquirem sentido no que escapa e falha aos humanos, seres de linguagem, isso porque o inconsciente é um conceito forjado e se apresenta naquilo que invalida a sequência lógica dos pensamentos cotidianos como mensagens cifradas contrárias à intenção do sujeito de modo a revelar-se no “rastros daquilo que opera para constituir o sujeito” (LACAN, 1960/1998, p. 844), pressupondo “um mais-além” psíquico, manifestado nos dados lacunares da consciência por iniciativas latentes não imediatamente identificadas nem explicitadas pela lógica hipotético-dedutiva da racionalidade psicológica. Na concepção psicanalítica, as manifestações do inconsciente estão intrinsecamente vinculadas à ideia de um retorno do reprimido e apresentam uma estrutura literal. Elas se constituem enquanto expressão do desejo, tramas produtoras de imagens sonoras ou visuais operando, especialmente, nos tropeços que fazem o sujeito ser na impossibilidade de saber o que se sabe.

Mas é do buscar e não do achar que nasce o que
eu não conhecia.
(Clarice Lispector)

À GUIA DE CONCLUSÃO

As referências freudianas sobre representação, linguagem e memória, presentes de um modo particularmente especial nas obras datadas entre o período de 1891 a 1896, comparecem no texto como diferenças conceituais capazes de indicar a presença das bases do conceito de inconsciente na psicanálise. Entre tais diferenças, destaca-se o fato de Freud não aceitar a tese da localização anatômica, propondo um “campo de linguagem” em que o funcional independe do anatômico; a concepção diferenciada de representação, percepção e associação e também a ideia de que consciência e memória se excluem mutuamente. Com essas constatações, pode-se considerar que os textos considerados “pré-psicanalíticos” não pertencem a um tempo anterior à psicanálise; eles são desde sempre construtivos da psicanálise. Ou melhor, a psicanálise não se faz sem os pressupostos teóricos estabelecidos no conjunto de textos elaborados por Freud no início de seus estudos sobre a mente humana.

Embora não nomeie o inconsciente nos textos elaborados no referido período, Freud considera, desde então, que o psíquico não se limita ao consciente, e, logo, que a representação é, por natureza, inconsciente. O autor fala de “inconsciente”, a partir de uma linguagem peculiar, rica de construções associativas que se entrelaçam com implicações analíticas, não para indicar a ausência de consciência e de fenômenos psíquicos, mas para dizer de uma estrutura particular que ultrapassa o sentido. Para Freud, o inconsciente não coincide com o não-consciente, não se

interpreta pelo recurso ao colapso do consciente, mas sim por meio da experiência, isto é mediante aos impasses em que o sujeito é posto como efeito de sua determinação pela linguagem.

Neste caso, a linguagem se apresenta como incompleta em relação àquilo que o sujeito por meio de palavras (considerando o corpo, gestos, percepções e associações) pretende dizer. E mais, o falar pressupõe a divisão subjetiva; nas palavras de Lacan, pôr-se na dimensão do Outro, e nas de Freud, agregar a imagem sonora da palavra escutada com a impressão cinestésica/inervação do aparelho motor da fala. Entende-se, assim, que a linguagem não existe unicamente para nomear as coisas, pois ela ultrapassa os limites da significação. A linguagem se apresenta de forma dinâmica, está em constantemente processo de transformação, ela não tem uma existência contínua em relação a realidade objetiva, ou seja, não é uma produtora de significados imutáveis. Isso, pois, a significação advém da diferença imposta entre os distintos registros por meio dos quais se estabelecem as associações ou representações.

Desse modo, depreende-se da leitura dos primeiros textos freudianos que também no contexto da fala a significação da palavra decorre da união estabelecida entre representação-palavra e representação-objeto, isso por meio da imagem acústica da palavra e da imagem visual do objeto. Percebe-se, assim, que não é possível conceber o significado de uma representação exclusivamente por meio de sua relação com o objeto. E mais: o sentido da representação emana não apenas do objeto, mas, sobretudo, da associação da representação com outras representações. A constatação desse processo associativo permite ao psicanalista criar uma teoria da representação cujos conteúdos independem de uma referencialidade, ou de uma relação cognoscitiva da mente com o mundo. Nesse caso, o significado da representação está relacionado à realidade psíquica do sujeito.

Conforme apresenta Freud, em seu estudo crítico sobre *As afasias* (1891/1977), não há uma correspondência entre o pensamento e o objeto, pois a relação psíquico-fisiológica é “concomitante dependente”, e não causal. Desse modo, aquilo que é projetado na

representação não é o objeto, e sim as cadeias associativas. Nesse processo, cada excitação produz no córtex cerebral uma inscrição de traços, escrita em registros diferentes. Isso implica dizer que na teoria freudiana é legítima a hipótese de que grande parte da formação da imagem mnêmica nas associações de representações se faz de modo separado da consciência, visto que a memória se compõe de diversas formas, em vários registros, sendo os registros iniciais não acessíveis à consciência.

Em razão disso Freud, no *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996), a partir da noção de *a posteriori* [*Nachträglich*], compreende a memória não como simples recuperação de uma cena, uma palavra, ou mesmo uma informação precedente ora registrada no cérebro. A lógica traçada pela memória no aparelho psíquico, realça a possibilidade de que na linguagem há sempre algo inacessível à significação. Disso decorre, então, que a memória possui como qualidade a não-recuperação imediata de seu conteúdo, e disso advém uma apropriada autonomia com relação aos elementos da consciência.

Tendo isso em vista, é possível afirmar com Freud que o psíquico extrapola a consciência e que os fenômenos conscientes são lacunares. A consciência não constitui a essência do mental, mas apenas uma qualidade que se acrescenta a uma pequena parte deste. Assim, os fenômenos conscientes apenas podem corresponder a uma parte do psíquico, uma vez que eles são determinados pelos próprios processos inconscientes e só podem ser compreendidos segundo essa determinação. Portanto, o torna-se consciente está ligado à aplicação de certa função psíquica, a da atenção, que só parece disponível numa quantidade específica, desviada pela cadeia de pensamentos para alguma outra finalidade (FREUD, 1900/1996, p.620), realçando assim a impossibilidade de se manter a restrição do funcionamento psíquico ao consciente.

Sob esse prisma, o inconsciente assinala não a recusa do racional, mas sim um suposto saber. Foi o que logo inferiu Freud no exercício das análises com seus pacientes. Ele percebeu que o

processo associativo não versa tão somente na atividade de associar de forma primária elementos acústicos, visuais e motores, como ocorre na articulação das associações dos elementos da representação de palavra, mas também em associá-la com outras representações de palavra. Então, como um complexo associativo, a representação, conceito recorrente em Afasias, atua como um mecanismo de inscrição psíquica. Ela comparece como algo distinto da consciência e assume a condição de um processo “cortical” associativo.

Em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), retomando a discussão proposta na *Carta 52* (1896/1996), o autor pensa os conflitos enfrentados pelo sujeito a partir das relações entre as instâncias do inconsciente, pré-consciente e consciência. Nessa obra, ele (1900/1996) não estuda apenas os sentidos ocultos dos sonhos. Ele, por meio do exercício de interpretação dos próprios sonhos e dos devaneios de alguns pacientes, constrói um modelo novo de funcionamento do psiquismo. Assim sendo, Freud propõe um modelo de aparelho psíquico cujo funcionamento obedece aos processos primários e secundários. Considerando, portanto, no capítulo 7 da referida obra, que os processos primários são pensados como sendo, desde o início, capazes de evitar o desprazer, entende-se que as representações desprazerosas apresentam-se automaticamente excluídas do fluxo associativo primário. Dessa concepção, resulta a ideia de que os processos secundários podem abarcar representações desprazerosas, desde que o desprazer decorrente da ocupação de tais representações possa ser inibido.

É curioso constatar que na concepção freudiana a par dessas especificidades, entende-se que a memória excede o que se compreende comumente como evocação, ou seja, a lembrança não se restringe à retomada de uma percepção. A análise dos sonhos revelou a Freud que a existência de um campo psíquico insuscetível de consciência não está presente apenas nas psicopatologias, mas faz parte da vida psíquica normal. Esta formulação supõe, portanto, que a representação/traço mnêmico

de um mesmo evento pode ser identificada em distintos anexos de sistemas mnêmicos; dito de outra forma, a impressão de um determinado evento promove variados trajetos associativos no campo cerebral. Ou seja, as representações do inconsciente são os próprios traços mnêmicos investidos.

Sendo assim, o psíquico em si mesmo é inconsciente, marcado por forças e representações que agem sem o conhecimento do próprio sujeito, a partir de uma lógica diferenciada e estranha a esse mesmo sujeito. Ou seja, a atividade inconsciente, embora permaneça excluída dos processos mentais de ordem consciente, comporta-se de forma ativa, sendo capaz de exercer efeitos sobre a consciência. É nesses termos que Freud apresenta o inconsciente, compreendendo que a elaboração onírica implica em modificações que ocultam o desejo realizado no sonho e em configurações alheias à realidade objetiva.

REFERÊNCIAS

- CAROPRESO, F. de S. **A natureza do psíquico e o sentido da metapsicologia na psicanálise freudiana**. 2006. Tese (Doutorado em filosofia) – Universidade Federal de São Carlos. UFSCar.
- ELIA, L. Psicanálise: clínica e pesquisa. In: Alberti, S. e Elia, L. (org). **Clínica e pesquisa em psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000 p.19-35.
- FREUD, S. (1888) Histeria. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.1.
- FREUD, S. (1891). **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições Biblioteca 70, 1977.
- _____, S. (1891). **Aphasia, a critical study**. STENGEL, E. International Universities Press, Inc., New York, 1953.
- _____, S. (1893) Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.1.
- _____, S. (1895[1950]). Projeto para uma psicologia científica. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.1.
- _____, S. (1896a). Carta 52. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.01.
- _____, S. (1896b). Carta de 06/12/1896 (Carta 52) In: **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**, p. 208-216. Editado por Jeffrey Moussaieff Masson. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____, S. (1897). Carta 69. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.01.

_____, S.(1899). Lembranças encobridoras. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.03.

_____, S. (1900). A Interpretação dos sonhos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.4-5.

_____, S. (1914). A história do movimento psicanalítico. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.14.

_____, S. (1915). O inconsciente. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v.14.

_____, S. (1920) Além do princípio do prazer. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v.18.

_____, S. (1926) A questão da análise leiga. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v.20.

LACAN, J.(1954-1955). **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Trad. Marie Christine Laznik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

_____, (1956a). A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.

_____, (1956b). Situação da psicanálise e a formação do analista em 1956. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____, (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____, (1957-1958). **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____, (1958). A significação do falo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____, (1959-1960). **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Trad. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____, (1960a). Posição do inconsciente. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____, (1960b). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____, (1964) **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Trad. M.D. Magno Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____, (1968/1969). **O seminário, livro 16: De um Outro a outro**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____, (1970). Radiofonia. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____, (1975-1976). **O seminário, livro 23: o sintoma**. Trad. Sergio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1988) *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)

LAROUSSE. *Dicionário Larrousse francês-português, português-francês: mini/[coordenação editorial Jose A. Galvez]*. São Paulo: Larousse de Brasil, 2005.

LISPECTOR. C. **A paixão segundo G.H.** 5ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1964.

_____, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1993.

_____, C. **Um Sopro de Vida**. 9a ed. São Paulo: Francisco Alves, 1991.

_____, C. **Perto do coração selvagem**. São Paulo: Círculo do livro, 1980.

_____, C. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

- LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise**: Jorge Zahar Editora, 2006.
- LUCERO, Ariana e VORCARO, Ângela. **Das Ding e o outro na constituição psíquica**. Estilos clin. [online]. 2009, vol.14, n.27, p. 230-251.
- MILL, J. S. (1843). A system of Logic Ratiocinative and Inductive. In: **Collected Works of John Stuart Mill**. Volume 7. Cambridge: University Press, 1974.
- MILNER, J. C. O doutrinal de ciência. In: **A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MOTA, S.B.V. **O quebra-cabeça**: a instância letra na aquisição da escrita. 1995. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.
- MORAES, M.R.S. **Materna/estrangeira**: o que Freud fez da língua. 1999. Tese (Doutorado em linguística) Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.
- _____, **Aparelho Psíquico, Aparelho de Memória e Aparelho de Linguagem em Freud**, Goiânia, 2004, Apostila do Curso de Linguagem e Psicanálise – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG).
- POLI, Maria Cristina. **Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa**. Estilos clin. [online]. 2008, vol.13, n.25, p. 154-179.
- ROUDINESCO, Elizabeth & PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SOBRE A AUTORA



Pedagoga e Psicanalista. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais. É Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e membro do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Rede em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Tem experiência na área de Educação e Psicanálise, com ênfase nas relações da educação com a cultura e subjetividade, psicanálise, inclusão, autismo e formação de professores. Participação nos grupos de pesquisa: Entraste: subjetividade, arte e clínica, da UFG e Panecástica, do IFG. Membro do GT Psicanálise e Educação da ANPEPP

[...] se lhes falei do inconsciente como do que se abre e se fecha, é que sua essência é de marcar esse tempo pelo qual, por nascer com o significante, o sujeito nasce dividido"

(LACAN, 1964/1988)



ISBN 978-65-5869-547-9



9 786558 695479 >